

Edição Nº 16
ANO 6
junho/2014
R\$ 1,00

ENFOQUE

Notre Dame

inovação



artigos
encarte
escolas
painéis
comentários

3 entrevistas
Cristina Sleiman
Gil Giardelli
Luciana Allan
convidados
José Alessandro
Alvaro A. Bourscheidt
Adriana Gandin
Roberto e Daniela Petry

A EDUCAÇÃO E A MÍDIA VIRTUAL



NOTRE DAME

Compromisso com a formação humana!



Escolas Notre Dame

Colégio Maria Auxiliadora

www.auxiliadora.net
Fone: (51) 3462.8600
Canoas - RS

Escola Maria Rainha

www.mariarainhasnd.blogspot.com.br
Fone: (51) 3271.1660
Júlio de Castilhos - RS

Escola Sagrada Família

www.esafa.com.br
Fone: (51) 3547.1261
Rolante - RS

Escola Santa Catarina

www.escolasantacatarinasm.com.br
Fone: (55) 3221.1447
Santa Maria - RS

Escola N. Sra. Estrela do Mar

www.estreladomar1936.blogspot.com.br
Fone: (53) 3251.1431
São Lourenço do Sul - RS

Colégio Madre Júlia

www.colegiomaju-nd.com.br
Fone: (55) 3233.1180
São Sepé - RS

Colégio Santa Teresinha

www.santateresinha.com.br
Fone: (51) 3542.1328
Taquara - RS

Escola Sagrado Coração de Jesus

www.escjpedroosorio.blogspot.com
Fone: (53) 3255.1209
Pedro Osório - RS

Expediente

Ano VI - Edição nº 16 - junho de 2014.

Provincial: Ir. Vânia Dalla Vecchia, **Coordenação:** Ir. Luiza Morschel, **Projeto Gráfico e Editoração:** Luciana Severo, **Revisão:** Ir. Terezinha T. Lopes, **Produção:** Equipe Central, **Fotografia:** Luciana Severo, **Digital:** Leandro Salenave, **Impressão:** Algo Mais Gráfica e Editora, **Tiragem:** 5.000 exemplares.

Os artigos enviados são de responsabilidade dos respectivos autores.

nd.org.br



Rede Notre Dame

@ndprovincia

A EDUCAÇÃO E A MÍDIA VIRTUAL

por Irmã Maria Luiza Morschel

O uso das novas tecnologias é um fato.

Não é difícil de encontrar crianças pequenas dominando aparelhos eletrônicos enquanto muitos adultos “sofrem” para aprender a manusear as tecnologias. Muitas vezes são as crianças que ensinam seus próprios pais e avós a utilizarem os recursos tecnológicos. As crianças e jovens de hoje estão totalmente envolvidos com as novas tecnologias. Esta nova geração é conhecida por nativos digitais. Sendo assim, a escola não pode fechar as portas para esta realidade. Precisa antes integrar estes recursos à metodologia de ensino para obter uma educação de qualidade.

Diante da imensa quantidade de conhecimento que o aluno pode adquirir sozinho, acessando a internet, a figura do professor continua sendo de extrema importância. Cabe a ele o papel de mediar este aprendizado, filtrar a grande gama de informações que circulam na internet. O professor deve alertar seus alunos para que não assumam como verdade todo o “conhecimento” disponibilizado na rede. Diante de tanta informação é importante que se tenha na escola um espaço para a formação de leitores críticos.

Mesmo que as crianças e jovens dominem os recursos tecnológicos os pais não estão isentos de supervisionarem os conteúdos que seus filhos estão acessando. É importante que os pais conversem com os filhos sobre as suas atividades virtuais.

Como pais e educadores faz-se necessário entrar nos caminhos de uma ética da mídia digital. Ela abarca e envolve cada vez mais o universo das coisas e das pessoas qual nova criação tecnológica recobrando e enfeitando a primeira criação. É um mundo de ideias, de interesses, de imagens e paixões que seduz e conduz.

Esta nova geração de nativos digitais não está imune às relações pessoais. Antes de serem seres digitais são pessoas. Nós humanos somos por essência seres de relação e em relação. Fomos criados no amor de Deus, por amor e para o amor. Família, escola e sociedade são responsáveis por favorecer e dar condições para que crianças, adolescentes e jovens cresçam e se relacionem de forma saudável com as tecnologias existentes e com as tantas outras que surgirão.

Índice

04 - Quanto a tecnologia, o melhor filtro é o conhecimento.

05 - Educar uma geração digital.

06 - **Entrevista 1 - GIL GIARDELLI**

Tecnologia na Educação.

08 - Painel - Educação e Tecnologia.

09 - Ensinar e aprender no mundo virtual.

10 - Importante lembrar...

11 - A tecnologia gerando mudanças.

12 - **Entrevista 2 - CRISTINA SLEIMAN**

Boas práticas para o uso da tecnologia.

14 - O uso desenfreado de equipamentos eletrônicos e redes sociais.

15 - E se...

18 - **Central - A EDUCAÇÃO E A MÍDIA VIRTUAL**

22 - **Entrevista 3 - LUCIANA ALLAN**

A intervenção da tecnologia na sala de aula.

24 - Os desafios e as possibilidades da mídia no contexto escolar.

26 - Há muita vida fora da internet.

27 - Tecnologia aliada ao trabalho pedagógico.

28 - A escola na mão dos alunos - Literalmente!

31 - Recursos tecnológicos na Educação Infantil.

ENCARTE - Escolas ND

32 - Notícias da Rede - Juventude Notre Dame.



QUANTO À TECNOLOGIA, O MELHOR FILTRO É O CONHECIMENTO!

Lucélia Brum / Profª de Geografia - EM / Colégio Madre Júlia

As novas gerações modificam
seus hábitos e costumes
com velocidade.

Uma geração, segundo estudiosos, define-se em torno de 25 anos, tempo no qual hábitos e costumes modificam-se conforme o momento histórico e as descobertas científicas. A maior parte de nós, pais e professores que aqui estamos, pertencemos às chamadas gerações "X e Y". Somos os nascidos entre o final das décadas de 60, 70 e início dos anos 80, época onde ter uma TV, uma linha telefônica ou um aparelho "3 em 1" simbolizava o mais alto grau de status. De acordo com os mesmos estudiosos, nossos filhos encontram-se na chamada geração "Z", que abrange os nascidos a partir do final da década de 90 e anos 2000. Notem que cai por terra a teoria de que uma geração se modifica a cada quarto de século, a prova mais evidente e o que mais marca estas novas gerações é justamente a velocidade com que os hábitos e costumes, citados anteriormente, se modificam.

Esta geração, também conhecida como "nativos digitais" é contemporânea. Já nasce movida 100% a estímulos visuais, utilizando aparelhos eletrônicos com extrema facilidade. É imediatista, rápida, capaz de fazer várias atividades ao mesmo tempo estando conectada à web, com uma necessidade de compartilhamento de informações, arquivos, novas habilidades que devem merecer ser exploradas. Entretanto, vivem numa era de relações mais virtuais do que pessoais. Fazer a ponte entre este gelo tecnológico com o calor das relações é uma habilidade que nós, "migrantes digitais", tentamos desenvolver e repassar em meio à turbulência. Mais do que inegável é a presença e a necessidade da utilização dessas tecnologias (TIC's), das mídias, das redes sociais, seja como ferramenta didática ou como forma de inserção no mundo do trabalho. Por outro lado, também faz-se necessária a sua humanização de "como utilizá-las", não no sentido operacional, mas com bom-senso. Todas as gerações têm a ensinar umas às outras e feliz daquele que é capaz de retirar de cada uma delas o que há de melhor de maneira equilibrada, sem excessos. Conhecimento é isso. Não esqueça, passe o filtro!

O uso da tecnologia em sala de aula é um caminho sem volta. Mas, este uso depende essencialmente do Professor para dar certo. O Professor é o facilitador, orientador e mediador entre aluno e tecnologia. É preciso alimentar a nossa inteligência humana para que possamos fazer o uso da inteligência artificial com sabedoria.

Márcia E. Bertóglia - SOE - Maria Auxiliadora

EDUCAR UMA GERAÇÃO DIGITAL

por Vagner Paulo Maccalli / Diretor / Escola N. Sra. Estrela do Mar

Estamos assistindo na atualidade a um fenômeno chamado revolução digital, o qual permeia e influencia de maneira avassaladora a vida de todos nós. Essa revolução constitui-se num salto qualitativo no modo de construir sentido social e pessoal, "porque representa um estágio superior, do qual não há volta. Assim como a invenção do alfabeto foi um salto qualitativo com respeito à oralidade, e a eletricidade com respeito ao vapor, a tecnologia digital está colocando a humanidade num patamar distinto." (GOMES, in IHU On line, 2009, p.5).

Também Tonino Cantelmi, um renomado psiquiatra e pesquisador italiano, seguindo essa mesma linha, descreve este momento histórico como o de uma passagem evolutiva. As pessoas do terceiro milênio são diferentes, pois a mente conectada à Internet está produzindo eventos e alterações que não podemos ignorar. Ainda segundo ele, "a tecnologia da revolução digital não pode ser interpretada simplesmente como instrumentos: a revolução digital é tal porque a tecnologia transformou-se em um ambiente a ser habitado, uma extensão da mente humana, um mundo que se entrecruza com o mundo real e que determina verdadeiras e próprias reestruturações cognitivas, emocionais e sociais da experiência, capazes de redeterminar a construção da identidade e das relações." (CANTELMÍ, 2009, p.1). A sua conclusão é: estamos presenciando uma mutação do ser humano.

A partir disso, provavelmente, em nossas cabeças de educadores desta nova geração, pulam perguntas: O que fazer? Qual o papel da escola? Do educador? Como educar hoje? Como conciliar as novas tecnologias com o processo educativo? Ou até mesmo, como competir com smartphones, tablets, redes sociais, interatividade, virtualidade ou ciberespaço? Todos nós gostaríamos de possuir as respostas – de preferência rápidas – para estas questões. Mas o fato é que a discussão precisa ser conduzida de forma muito mais abrangente e profunda.

Primeiramente, no meu entender, as novas tecnologias já não podem mais ser utilizadas apenas como instrumentos para auxiliar nos processos de ensino-aprendizagem. Essa fase já está sendo superada! Desse modo, pode ser que não estejamos ainda preparados para educar uma geração de crianças e jovens que não pensam – e não vivem, não agem, não se relacionam, não sonham – mais como a de outrora. Esta geração já faz parte de um novo estágio de evolução do ser humano: os nativos digitais. Pode ocorrer que a nossa compreensão desse processo ainda seja tão limitada que, como educadores, estejamos nos dedicando quase que exclusivamente a sermos transmissores de informações e conteúdos. Será esse o papel do professor hoje, quando informações, as crianças e jovens, através da Internet, já têm de sobra? Fica evidente que não! Então, o que fazer?

Há muitas iniciativas no sentido de integrar as novas tecnologias fazendo com que sejam aliadas no processo pedagógico: laboratórios de informática, multimídias, tablets, internet em sala de aula, lousas interativas, interação entre alunos, professores e escolas pelas redes sociais etc. Tudo isso é importante, pois esse é o universo das crianças e jovens da atualidade. Todavia, além disso, duas tarefas não podem passar alheias ao processo educativo considerando essa geração digital. São elas que dão sentido e razão de ser ao verdadeiro educador na atualidade. A primeira delas é a de educar os nativos digitais para o uso responsável das tecnologias. É preciso ajudá-los a entender que, embora exista um mundo virtual, a vida transcorre num mundo real, onde existem limites, regras, leis e valores. É preciso fazer perceber que o respeito, a ética, as relações entre as pessoas e todos os outros valores importantes para a boa convivência, são ainda hoje, e talvez mais do que nunca, válidos. Daí, iniciativas voltadas a auxiliar e ensinar o uso legal e responsável das tecnologias são muito louváveis.

O uso das tecnologias na educação deve servir como apoio, como ferramenta para as atividades de ensino do professor. Elas não devem ser um fim, mas um meio para que o objetivo do processo de ensino e aprendizagem ocorra. As tecnologias na educação devem se tornar uma interface comum de linguagem entre professor e aluno, favorecendo a interação entre ambos.

Janete Colling - Diretora - Escola Santa Catarina

A segunda tarefa da educação é a aquela de ajudar nossas crianças e jovens a: 1) selecionar a quantidade absurda de informações com as quais constantemente são bombardeados. O educador precisa se reciclar e se valorizar. Ele não pode competir com a Internet. Então, ele precisa encontrar seu valor sendo não só transmissor de informações e conteúdos, mas sendo um pensador, um pesquisador, um produtor de conhecimentos, alguém que ajude as crianças e jovens a focar, a selecionar; 2) fazer sínteses, serem construtores de conhecimento, não meros repetidores ou propagadores. Num mundo onde tudo muda muito rápido, é difícil concluir algo, tudo é passageiro, efêmero. Daí, a necessidade de estimular a criatividade dos estudantes para novas descobertas, para tirar conclusões, para se posicionar criticamente diante das situações da vida.

GIL GIARDELLI
responde sobre
tecnologia na Educação



Um novo estilo de vida surgiu, centenas de milhares de negócios estão sendo criados em todos os cantos do mundo, outros desaparecendo, muitos se transformando radicalmente. O celular é a divisão entre a era da produção em massa para a era da inovação em massa. Na era digital não se cria para pessoas e sim com as pessoas.

ENFOQUE ND - Em um ambiente educativo, como a interação possibilitada pelas redes pode colaborar na formação do conhecimento?

GIL GIARDELLI - O conhecimento está em rede, aqui e ali. Lá e acolá. Em cima e embaixo. Está em todo lugar. Na verdade, vivemos a infância da sociedade em rede, tudo o que estamos vendo é apenas a superfície. Abaixo, logo ali, no oceano profundo, uma revolução silenciosa já começa a acontecer. Não sabemos ainda se essa e-revolução é uma metamorfose ou uma hecatombe, mas ela já decretou o início de um novo tempo, que é feito por pessoas e para pessoas. Gente como você.

Nunca se trocou tanto, nunca se aprendeu tanto em rede, nunca se fez tanto. A era da informação já acabou. A era digital já virou peça do museu, é coisa do passado. Antes, o grande dilema era o que a tecnologia poderia fazer pelas pessoas. Agora, mudamos a pergunta: o que as pessoas podem fazer com a tecnologia?

Sai o pensamento linear, cartesiano, binário e o individualista, para aproveitar todas as novas possibilidades proporcionadas pela conexão e pela troca, e que se expressam pelo mantra enunciado pela primeira vez pelo professor britânico Charlie Leadbeater: Você é o que você compartilha e entra o conhecimento coletivo.

E - Pensando em sua frase “Não podemos usar velhos mapas para descobrir novas terras”, que mapas você acredita que nossas escolas podem utilizar?

G - O modelo educacional secular, no qual um fala e outros escutam já esgotou-se. No mundo conectado, há três tipos de aluno: aquele que, em silêncio, presta atenção a tudo; outro que precisa conversar e pesquisar em rede; e um terceiro que precisa ver, sentir e tocar para aprender.

O espaço físico e as aulas cronometradas não fazem mais sentido. A educação repetitiva e decorativa, torna-se obsoleta com toda a informação do mundo absolutamente disponível. Porém, frequentar uma escola ainda é importante para compartilhar os valores da sociedade, para o coletivismo e para o trabalho colaborativo e em rede, três conceitos fundamentais para qualquer um crescer na vida e na carreira.

O professor não é mais o dono do conhecimento, mas sim o maestro do aprendizado em rede. Em um mundo atolado de informações, cada dia mais ele terá o papel de curador da sabedoria das multidões.

E - Seu recente livro “Você é o que você compartilha”, tem o foco claro em empresas e profissionais ativos no mercado de trabalho. Sabemos que atualmente cada vez mais jovens e crianças estão inseridos no mundo compartilhado. Qual sua opinião sobre isso?

G - Hoje já está acontecendo tudo coletivamente e digitalmente: as pessoas organizam festas, protestos, revoluções, fazem ciência, descobrem curas e remédios, leem, estudam, compram, vendem, discutem, fazem negócios, falam com os amigos, trocam ideias e opiniões, etc.

O nosso grande desafio é orientar crianças que na rede não pode tudo. A liberdade não pode virar libertinagem, elas podem divertir-se e aprender coletivamente. É que o seu tempo online pode ser preenchido com “detalhes da vida” ou com uma educação de alto impacto. Que o grande desafio é o equilíbrio. Vale compartilhar a foto com os amigos e um estudo sobre impactos globais.

Qualquer que seja o mundo que estamos começando a viver, com qualquer otimismo à parte, o fato é que existe algo de novo no ar. É algo feito com centenas de colaboradores que promovem não mais a produção em massa, mas a inovação em massa.

E - Como estabelecer conexões entre professores formados no século XX e jovens do século XXI, quanto ao uso da tecnologia?

G - Tanta inovação para ensinarmos como na Grécia Antiga. Eu acredito na forma de ensinar do filósofo grego Sócrates: primeiro ele interrogava em vez de propor uma tese. Sócrates deixava o aluno chegar à resposta e às conclusões por si mesmo. Dessa maneira, misturava seriedade com uma boa dose de despreocupação.

Temos de rever velhos conceitos. Em um mundo de excesso de informação, os alunos de hoje precisam de autonomia para pensar. Precisamos ensiná-los valores inegociáveis neste mundo, como amor ao próximo, gosto pela inovação e o pioneirismo, para que eles possam se preparar para o mundo de amanhã.

Os professores não são mais os donos do conhecimento, e sim os maestros do aprendizado em rede. Em um mundo atolado de informação, o professor cada dia mais terá o papel de curador da sabedoria das multidões. Este é uma das pontes para a Ponte entre a escola do século XX e os alunos do século XXI.

E - Muito se fala em educação compartilhada e educação cooperativa. Há diferença entre os termos?

G - Acho que a questão não é a educação compartilhada e a cooperativa e sim, vivemos o choque entre o diploma de curta validade com a pedagogia da era industrial, do conflito entre aprendizado em massa e interatividade, do aprendizado individual versus o colaborativo, da padronização à personalização. Mas é assim que conseguiremos avançar as fronteiras do conhecimento individual para a mentalidade coletiva.

E a educação deve se questionar, estamos preparados para os empregos que ainda não existem, para utilizar tecnologias que ainda não existem? Uma reforma no sistema educacional é necessária, mas devemos aprender com os erros e acertos do passado.

Sobre Gil Giardelli

Gil Giardelli é um estudioso da Cultura Digital, com mais de 15 anos de experiência. É web ativista, difusor de conceitos e atividades ligados à sociedade em rede, colaboração humana, economia criativa e inovação digital, entre outras qualificações. Por onde passa, difunde ideias inovadoras e inspira o empreendedorismo social no Brasil através de suas palestras, aulas e conteúdo compartilhado nas redes sociais. É professor nos cursos de Pós-Graduação, MBA e do CIC (Centro de Inovação e Criatividade) na ESPM - Escola Superior de Propaganda e Marketing e da FIA-LABFIN/PROVAR, em São Paulo, além de palestrar em mais de 700 eventos nacionais e internacionais como o TEDxSudeste, TEDxPortoAlegre, Encontro Internacional EducaRede em Madrid, entre outros. Curador das redes Inovadores ESPM, Sou Empresário e Arca de Gentileza. Gil também promove a inovação digital através dos blogs da HSM, Você S/A e da Gaia Creative, empresa de inteligência de mídias sociais e inovação do qual é CEO. Alguns dos clientes da Gaia Creative são BM&FBOVESPA, Odebrecht, CNI, Grupo Delonghi Brasil, Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, Grupo Educacional Cruzeiro do Sul, Preomobom Autopass, entre outras.

Empreender sem perder a ternura e a capacidade de sonhar. Disso, Gil Giardelli, entende bem. Ele começou a carreira aos 14 anos como office-boy e todo dinheiro que ganhava era usado para aumentar a coleção de selos, hobby que mantém até hoje. Pouco tempo depois, passou a coordenar matinês para a juventude na famosa danceteria paulistana Up&Down. Daí para virar sócio de dois bares foi um pulo.

Aos 20 anos entrou em crise existencial – a combinação entre gostar de acordar cedo e sua formação em desenho industrial o levou a ser monitor da XXIII Bienal Internacional de São Paulo. Isso durou quase um ano, e é considerado por Gil como sua “pós-graduação” do mundo das artes. Algum tempo depois, foi trabalhar em agências de comunicação internacional, onde descobriu o quanto o mundo é pequeno. Assim, partiu de mochilão nas costas e andou por 23 países. Em dois, trabalhou como garçom.

Quando voltou ao Brasil, abriu empresas e hoje faz parte de cinco delas e coordena quatro cursos no Centro de Inovação e Criatividade (CIC) da ESPM.

Adora tudo o que faz e orgulha-se de ter ajudado na “start up” chamada Casa Hope – Casa de Apoio a Criança com Câncer. Como adepto das causas sociais, Gil deu aula de desenho durante anos para crianças em um orfanato.

por Roberto Petry
Diretor de TI e Professor Universitário
e por Daniela Humann Petry
Psicóloga



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

Hoje recebemos nas escolas e no mercado de trabalho pessoas que têm um perfil muito diferente, com uma fluência na linguagem e na forma de se conectar com a tecnologia, como se fosse uma extensão de si próprios. A palavra de ordem é estar conectado em qualquer lugar, com qualquer dispositivo, a múltiplas fontes de mídia virtual.

Não vamos ao banco pagar contas, compramos cada vez mais pela internet em lojas virtuais, ao invés de e-mails usamos redes sociais que nos conectam imediatamente com as pessoas e permitem o compartilhamento de ideias e experiências.

Vivemos este fenômeno da “consumerização da TI” (Tecnologia da Informação), com o crescimento de soluções na área de mobilidade, explosão do volume de dados e mecanismos de manipulação, técnicas alternativas de computação como a computação em nuvem e uso intensivo de redes sociais. Isto tem transformado a vida das empresas e das pessoas.

O que a consumerização da TI embute é o fato que a tecnologia torna-se cada vez mais intuitiva, com os usuários tornando-se a cada dia mais íntimos com seu uso. Basta olhar a geração digital para vermos a diferença de comportamento – para uma criança qualquer dispositivo deveria ser touch. Portanto, os usuários buscam autossuficiência para escolherem por si mesmos quais dispositivos, aplicações e métodos de trabalho desejam adotar. Na verdade, querem levar seus próprios hábitos diários e sociais para dentro das empresas e das escolas.

A rampa de crescimento da Internet móvel é a curva de adoção de tecnologia que cresce mais rápido na história moderna. Com isso, a sociedade mudou e as necessidades das instituições de ensino também precisam de um repensar. É imprescindível transformar a prática da sala de aula para dar conta destas novas demandas e contemplar as novas tecnologias no processo de ensino-aprendizagem. Mas, acima de tudo, a escola tem que ser repensada no sentido de educar para a crítica, para as escolhas. Temos que fazer com que a facilidade de manuseio e acesso à tecnologia joguem a favor da educação!

Uma criança não é mais inteligente do que um adulto, a diferença é que ela cresce já com o domínio dos recursos tecnológicos e tudo o que lhe é permitido através do mesmo. A facilidade de entendimento e interação com as novas tecnologias são amplas e visíveis. Mas, também podemos identificar uma clara dificuldade de foco e concentração. Atualmente é mais difícil para uma criança fixar sua atenção de forma prolongada em uma tarefa específica, pois tem uma atenção multifocal. Com isso, exigem respostas rápidas e precisas (como a resposta de uma pergunta a um programa de busca). Mas, elas necessitam base para filtrar criticamente e converter estas informações em conhecimento. E é sobre esta demanda na formação do perfil e competências que temos que fundamentar nossos processos educacionais.

A geração que nasceu com a internet está completando a sua formação acadêmica agora, o que deve transformar diretamente os ambientes corporativos, à medida que os mesmos assumem posições de direção e liderança nas organizações.

Existe um novo perfil profissional demandado para suportar as estratégias digitais dentro das organizações, deixando uma clara indicação de competências a serem desenvolvidas em nosso processo de formação. Além do conhecimento técnico, o profissional que pretende liderar as organizações do futuro deve buscar conhecer profundamente o negócio, ser um hábil negociador, ter flexibilidade para trabalhar em ambientes de mudanças constantes, ser um educador eficiente para disseminar a cultura digital na sua organização, ter habilidade de relacionamento e capacidade de coordenar o uso da tecnologia nas organizações, capacidade de trabalhar bem em ambientes de colaboração cada vez mais multidisciplinares, globais e diversos, sem deixar de lado a aderência aos valores da organização.

Outro aspecto a ser considerado é a questão de privacidade das pessoas frente a esta avalanche de uso das redes sociais. Isto tem gerado problemas de exposição pessoal e criado situações de conflito sob os quais os jovens precisam ter clara orientação, para definir os critérios do que e como compartilhar, bem como se portar frente a esta exposição pessoal.

O conhecimento e o pensamento criativo desenvolvido com uso da tecnologia da informação passam a ser uma parte importante na estratégia de formação dos indivíduos e das corporações do futuro. Mas, não podemos esquecer que a tecnologia é sempre um meio, um facilitador, não um fim por si própria.



É necessário
que a escola fortaleça
seu projeto educativo.

ENSINAR E APRENDER NO MUNDO VIRTUAL

por Arlete Rosane da Rosa / Coord. Pedagógica / Sagrada Família

A aprendizagem é um processo social fruto de um contexto histórico. Vivemos na sociedade do conhecimento, que está caracterizada pela globalização. A internet com sua força unificadora diminuiu o tamanho do mundo. É um dos mais poderosos instrumentos de comunicação que transcende fronteiras de tempo e de espaço.

Em nossas Escolas percebemos diariamente o quanto as crianças e jovens estão familiarizadas com a tecnologia e têm facilidade com seu manuseio. Porém, o espaço virtual deve ser utilizado com responsabilidade. E a quem compete a formação dos usuários desses instrumentos?

Sabe-se que a orientação e os princípios éticos caminham juntos para que o uso das tecnologias se dê em harmonia. O que pode no mundo virtual? Como devo me portar? O que e a quem interferem as minhas ações no uso destas tecnologias?

A Escola, depois da família é uma instituição cuidadora e precisa se reorganizar para atuar nesse contexto. Ela precisa acompanhar o desenvolvimento dessa sociedade digital e altamente tecnológica e adequar-se às suas exigências. É missão da escola, preparar para viver em sociedade onde estão amplamente presentes as tecnologias da informação e da comunicação, orientando os alunos em relação ao uso consciente e responsável da tecnologia.

Gadotti enfatiza que esta época de rápidas transformações acaba por demandar uma nova configuração da educação na busca de um melhor desempenho do sistema escolar:

A educação apresenta-se numa dupla encruzilhada: de um lado, o desempenho do sistema escolar não tem dado conta da universalização da educação básica de qualidade; de outro, as novas matrizes teóricas não apresentam ainda a consistência global necessária para indicar caminhos realmente seguros numa época de profundas e rápidas transformações. (2000, p. 06)

É necessário que a escola fortaleça seu projeto educativo, relacionando-o com o contexto social e suas características. A escola necessita estar preparada para interpretar os novos saberes, as novas configurações, possibilitando novos olhares acerca do conhecimento. Para que isso se torne possível, os educadores necessitam de permanente atualização, de formação continuada, para o emprego dos recursos digitais nas aulas, uma vez que recebemos alunos com cada vez mais conhecimentos tecnológicos.

As tecnologias da informação e comunicação são ferramentas de transformação do ambiente tradicional de sala de aula, que buscam a produção do conhecimento de forma criativa, interativa, participativa possibilitando ao educador e educando a aprenderem e ensinarem usando recursos multimídias e com isso adquirirem os conhecimentos necessários para a sobrevivência no dia-a-dia em sociedade. Elas podem contribuir de forma significativa no meio educacional desde que haja articulação entre a tecnologia e a prática pedagógica dos professores.

Na Escola Sagrada Família o Portal Positivo vem sendo utilizado em sala de aula, após a instalação de data show para o acesso ao livro interativo que complementa o conteúdo contido no material do aluno. O Portal traz ainda recursos como roteiros, linha do tempo, fórum, fábrica de textos, mapas, histórias, reportagens, entre outros. Aproveitar o potencial desses recursos tem enriquecido as aulas, motivando os alunos para a aprendizagem.

Estas são formas de utilizar a tecnologia a favor do ensino e da aprendizagem, de construir conhecimentos na interação com os outros e com o apoio dos recursos tecnológicos que facilitam tanto o ensino quanto a aprendizagem. Cabe aos profissionais da educação investigar as possibilidades educativas dos recursos tecnológicos, produzindo novas formas de aprender e apreender o mundo.



..psicologia na internet

IMPORTANTE LEMBRAR...

por equipe Enfoque ND

Trechos do livro Dependência de Internet
Kimberly S. Young e Cristiano Nabuco de Abreu

O primeiro livro a descrever a psicologia de internet foi escrito por Wallace em 1999. Ele explicava como a internet muda a maneira de pensar, sentir e se comportar das pessoas no mundo virtual. Talvez a primeira pessoa a estudar a área ciberpsicologia tenha sido John Suler. Suler (2004) escreveu extensivamente sobre como o mundo virtual difere do real. Seu texto é objetivo e não atribui valor de bom ou mau aos conceitos apresentados; ao contrário, ele simplesmente descreve como a internet modifica o ambiente e o indivíduo.

Suler (2004) cunhou o termo efeito de desinibição on line para descrever o fenômeno de que as pessoas se comunicam e se comportam de maneira diferente quando estão conectados. Ele operacionalizou esse conceito definindo seis características geralmente presentes na desinibição virtual. Esses elementos de desinibição com frequência são a base do envolvimento da pessoa em comportamentos exibidos na internet e dos riscos que correm.

Você não me conhece/você não pode me ver – Esses dois conceitos estão relacionados à ideia da psicologia social de anonimato e seu papel no comportamento das pessoas. O anonimato no mundo virtual permite que as pessoas explorem e experimentem sua exposição sem constrangimento, indo além do que iriam no mundo real. Quando a pessoa separa suas ações da sua identidade, se sente menos inibida ou menos responsável pelo que faz ou diz.

Até logo – Esse conceito está relacionado ao sentimento de que consequências virtuais podem ser evitadas simplesmente fechando-se o aplicativo ou desligando o computador. Quando a pessoa sente que é fácil escapar das consequências, isso lhe permite assumir mais riscos do que normalmente assumiria na vida real.

Está tudo na minha cabeça/isso é só um jogo – Esses dois conceitos se combinam para alimentar o mundo de fantasia geralmente associado à internet. A linha entre a realidade e a fantasia frequentemente é difícil de definir para quem usa a internet. A crença de que tudo que se faz conectado é uma fantasia faz com que os usuários sintam uma maior dissonância cognitiva ao verem seus comportamentos, até mesmo sexuais, na internet.

Nós somos iguais – No mundo real, existem hierarquias que definem limites claros e ajudam as pessoas a compreenderem as regras e os papéis nos relacionamentos. Entretanto, a internet muitas vezes nega essas hierarquias, não esclarecendo quais são as regras para as interações virtuais. Todos, independentes de status, condição financeira, etnia, gênero ou idade, partem em condição de igualdade.

A internet tem seu lado ruim e seu lado bom. Ela ajuda os adolescentes de muitas maneiras, e esses benefícios devem ser lembrados. Possibilita maior comunicação positiva e interação social com as pessoas. Isso permite que antigos relacionamentos com amigos e parentes sejam refeitos e mantidos, e cria oportunidades para desenvolver novas amizades. A internet também permite que as pessoas encontrem apoio emocional que às vezes não estão recebendo. Por exemplo, um estudo examinou o uso de internet como uma maneira de ajudar novos alunos a se sentirem bem-vindos em suas novas escolas e iniciarem amizades. A internet tem sido também, um meio para as pessoas isoladas geograficamente se sentirem parte de uma comunidade mais ampla. É, também, um lugar de entretenimento, com abundância de jogos, imagens, notícias e sites a serem visitados. Por outro lado, o ruim, são consequências negativas. A exposição a um excesso de informações pode levar a conclusões erradas, fofocas, informações perigosas, uma vez que as informações não são censuradas nem filtradas, e isso pode resultar em problemas para o indivíduo.

Mas, estejamos atentos, sim, ao senso de anonimidade que os adolescentes usam para testar novas identidades e experiências que podem não ser construtivas e/ou educativas.



A TECNOLOGIA GERANDO MUDANÇAS

por Catia G. Gowert / Sup. Pedagógica / Escola Sagrado Coração de Jesus

Lembrando 30 anos atrás quando cursava o Ensino Fundamental I na Escola Sagrado Coração de Jesus, em Pedro Osório, pude perceber que a maneira como a professora ou a Irmã nos ensinava não fazem mais parte da nossa rotina de sala de aula em vista de tantos recursos que temos. Pouco se ouvia falar em mídia e hoje as possibilidades se abriram e já faz parte do cotidiano de gestores e professores. O jeito de aprender história, matemática, português ou física mudou. Os recursos que hoje existem podem simplificar um pouco a rotina educacional e o trabalho nos setores das escolas, tais como, a elaboração de provas, planilhas, boletins e diários. Outro dia ao ler uma reportagem em Zero Hora de Carlos Wagner, 63 anos, o mais premiado jornalista de Zero Hora de todos os tempos, e um dos mais premiados no Brasil, onde passou por um grupo de colegas na redação e disse: "Eu já fui um dos melhores repórteres deste Estado usando apenas um bloquinho e uma caneta. Agora sou um dos melhores repórteres usando apenas um iphone".

A forma de captar, processar e distribuir as informações mudou muito nos últimos 30 anos, mudou a forma de como nós gestores e professores consumimos essas informações. Segundo Isabel Faah Schwartznom "O uso de novas tecnologias nas escolas influenciam na aprendizagem e também nos trabalhos desenvolvidos nos setores de uma escola."

Hoje existe uma multiplicidade de recursos à nossa disposição das mais simples as mais complexas. A utilização de games pode ajudar na resolução de problemas. Livros interativos para a construção de narrativas. Um aparelho de GPS pode ser usado como um valioso recurso em Geografia. Smartphones tornam-se componentes ultra portáteis em uma aula de campo. Simuladores podem ser ferramentas muito eficientes na compreensão de situações complexas de físicas. Repositórios de vídeo podem hospedar bibliotecas de aulas, audio e atividades práticas em laboratório. Tudo depende do ponto de vista em que o professor deseja que seus alunos cheguem e quais habilidades ele deseja desenvolver durante esse trabalho. Além da grande diversidade de produtos tecnológicos, cresce cada vez mais nos alunos a sensação de que estão envolvidos em um universo onde obter qualquer tipo de informação é muito fácil.

Sendo assim, agrega-se mais um dever ao educador e à escola, o de estruturar essas informações e não permitir que o aprendizado em sala de aula pareça enfadonho para os alunos. Esse novo cenário permite, inclusive, enfrentar transtornos de aprendizagem como a dislexia com o uso de audiolivros, recursos ainda pouco explorados na educação.

Concordo com o professor César Nunes quando diz que "O professor, hoje, assume um papel com outras responsabilidades". A sala de aula tornou-se mais dinâmica. A preparação da aula requer mais cuidado, o conteúdo deve ser articulado, o plano de aula pode ser pensado utilizando-se um projeto por tema ou por aula, que permita ao aluno mais autonomia e responsabilidade em sua aprendizagem, propõe sugerindo a roteirização do trabalho com o planejamento das mídias a serem utilizadas em classe.

Enfim, devemos acompanhar os tempos sem abrir mão de uma preocupação central: Fazer os professores educarem melhor e fazer alunos aprenderem mais. Em qualquer época e com o uso de qualquer tecnologia todo processo educacional é lentamente construído e requer esforço do professor, dos gestores e dos alunos.

Os recursos que a mídia disponibiliza para a sociedade, precisam ser utilizados na prática diária que envolve a aprendizagem. O saber de que forma e onde utilizar, quais as informações que podem ser utilizadas e as que devem ser descartadas, devem permear a ação docente, pois a escola tem a função principal de orientar para a vida.

Eleane Mattiazzi - C. Pedagógica - Esc. Maria Rainha



CRISTINA SLEIMAN

responde sobre
as boas práticas
para o uso
dos recursos
tecnológicos

Legislação

Com o uso desenfreado da internet precisamos, cada vez mais, entender o universo de benefícios e armadilhas que nos cercam. Na esfera educacional é preciso pensar em dois importantes segmentos: Segurança da Informação da própria instituição e Educação Digital (projetos educacionais).

ENFOQUE ND - Fala-se em ataques e armadilhas no mundo virtual. Quem é exatamente o nosso inimigo e do que precisamos nos proteger?

CRISTINA - Existem dois pontos quando falamos em segurança e responsabilidade na internet, o primeiro é o cuidado para não ser vítima de terceiros, ou seja, um desafeto que procura lhe prejudicar ou pessoas desconhecidas e mal intencionadas e no segundo onde o inimigo pode ser você mesmo, ou seja, o indivíduo seja jovem ou adulto, acaba sendo o infrator.

Cabe lembrar que a lei regulamenta a nossa conduta e a tecnologia é apenas um meio, assim, o que fazemos na internet, seja em uma rede social ou até envio de um email, está aos olhos da legislação vigente e somos responsáveis por nossa conduta.

É comum as pessoas pensarem que a lei não se aplica às questões da internet e ocorre justamente o contrário. Muitas vezes por desconhecimento, descaso ou até por falta de noção, as pessoas acabam por se prejudicar ou prejudicar terceiros.

Entre os jovens o problema mais comum atualmente são as fotos e vídeos íntimos, que por sua vez, dependendo de seu conteúdo, pode caracterizar pornografia infantil. Os casos que chegam ao nosso escritório, geralmente a menina se tirou um auto retrato sem roupa ou um casal de jovens que se filmam em momento íntimo e depois um deles publica na internet ou repassa para seus amigos.

E - Considerando que as escolas trabalham com crianças a partir de 3 anos de idade, quais seriam as orientações iniciais para as famílias quanto ao uso da rede mundial?

C - A primeira dica é ficar “ligado” aos acontecimentos, aplicativos e sites que os jovens utilizam. É muito importante entender seu mundo e falar a mesma linguagem. Como posso dizer que uma rede social tem perigos se eu nem sequer conheço, ou acessei alguma vez?

Outras questões, como uma conversa franca e casos reais também podem ajudar.

É importante que os pais conheçam os ambientes e lembrem-se que o desconhecimento da lei não exime de responsabilidade e se tratando de menores de 18 anos, a responsabilidade civil recai sobre os pais ou responsável legal. No entanto, cabe uma ressalva de que independente da responsabilidade dos pais, o menor pode ser encaminhado para Vara da Infância e da Juventude, neste poderá sofrer uma medida socioeducativa.

E - Você acredita que caminhamos para uma maturidade no uso da internet, uma vez que nos deparamos continuamente com casos de cyberbullying?

C - Acredito que só conseguiremos atingir esta maturidade através da educação digital, ou seja, projetos de ética e cidadania digital nas escolas e apoio na educação informal dos pais.

Ninguém nasce sabendo e a mídia (televisão) não tem ajudado muito com as questões de valores, moral, ética e responsabilidade. Se não abordarmos estas questões no processo de ensino aprendizagem, os jovens vão continuar achando que tudo pode e que não passa de uma brincadeira. O problema é que a brincadeira para um pode não ser para o outro.

“O bullying virtual pode ser até mais desastroso do que o bullying presencial”.

E - No caso de bullying virtual, como identificar qual o momento de procurar seus direitos?

C - O bullying virtual pode ser até mais desastroso do que o bullying presencial, pois não preciso repeti-lo várias vezes para ter efeito, ele tem um caráter permanente pois o conteúdo pode ser acessado por qualquer um e a qualquer momento, além disso incentiva a participação de outras pessoas.

Acho que todo cidadão deve procurar ajuda quando tiver seus direitos violados, principalmente quando a agressão lhe machucar intimamente e provocar impacto psicológico, social e até mesmo material. Quando encontramos um conteúdo indevido o primeiro passo é solicitar amigavelmente sua retirada e ocorrendo uma negativa ou omissão aconselho a procurar por seus direitos.

Nas questões de pedofilia, fotos e vídeos íntimos a situação é mais grave e devem ser tomadas as medidas cabíveis o mais rápido possível.

E - Quais as principais dicas para as crianças, os jovens e os adultos para o uso sadio da internet?

C - Internet com responsabilidade. Minha dica é para pensar como se estivesse fora dela, no ambiente presencial não divulgamos nosso celular para todos na rua, mas as pessoas escrevem na internet, em redes sociais e fóruns abertos. Comentam sobre festas e compromissos, sem lembrar que bandidos podem estar por perto, afinal eles também estão mais tecnológicos.

Dicas legais:

- Escolher as páginas que vai curtir;
- Escolher comunidades e fóruns que vai participar;
- Pense nas palavras que ficarão registradas;
- Publique fotos que não sejam provocativas;
- Fazer compras online apenas acompanhado de um adulto e em sites seguros;
- Não brigue online;
- Cuide bem do seu login e senha, pois é sua identidade virtual.

Para os pais:

- Procure saber o que seus filhos fazem na internet;
- Fique atento às amizades virtuais pois há muitos pedófilos a solta;
- Evite deixar o computador no quarto da criança, mas em local aberto;
- Familiarize-se com os dispositivos atuais;
- Converse com seus filhos sobre casos reais que envolveram internet.

Sobre Cristina Sleiman

Cristina Sleiman é advogada e pedagoga, mestre em Sistemas Eletrônicos pela Escola Politécnica da USP e com extensão em Direito da Tecnologia pela FGV/RJ.

É co-autora da Cartilha Boas Práticas de Direito Digital Dentro e Fora da Sala de Aula e do livro e audiolivro Direito Digital no Dia a Dia. Atua nas Instituições de Ensino com foco na blindagem jurídica para uso dos recursos tecnológicos, incluindo elaboração de Políticas e Normas de Segurança da Informação e desenvolvimento de Projetos de Ética e Cidadania Digital.

É responsável pela Coordenadoria de Prevenção de Risco Eletrônico no Ambiente Corporativo da Comissão de Direito Eletrônico e Crimes de Alta Tecnologia da OAB/SP.



USO DESENFREADO DE EQUIPAMENTOS ELETRÔNICOS E REDES SOCIAIS

por Lucinéia Leichtveis / Psicopedagoga / Colégio Santa Teresinha

Passou a ser parte de nosso cotidiano, encontrar crianças e adolescentes de forma incontrolável utilizando equipamentos eletrônicos nos diversos espaços.

A prática de estarem sempre ligados às redes sociais já se tornou algo comum.

Em muitos momentos, nos deparamos com situações que muito preocupam pais e educadores, como por exemplo, festas de aniversário, ou encontros com amigos, que mesmo estando pessoalmente juntos, utilizam de telefones celulares para comunicarem-se. Falta orientação da família? Falta orientação de educadores? As relações pessoais estão acabando? São muitos os questionamentos em relação a isto.

É importante que os adultos possam estar orientando as crianças e jovens no sentido de rever valores pessoais, de perceberem que o ser humano precisa do olhar do outro, do abraço, do carinho, e estas são atitudes que somente com o contato pessoal se tornam possíveis.

Computadores e outros meios eletrônicos exigem autodisciplina e autocontrole – discernimento do bom e mau, do verdadeiro e do falso, do certo e do errado e outras habilidades que ainda estão em desenvolvimento na criança e no adolescente. Assim, as diversas opções eletrônicas e suas inúmeras possibilidades e informações representam portas para alguns perigos. Hoje, a criança e o adolescente são mais consumidores e menos criativos. É importante que eles desenvolvam, primeiramente, a criatividade e o raciocínio para, só depois, usar os meios eletrônicos livremente. Mas isso não quer dizer que o computador deva ser abolido. Se os pais derem ênfase ao desenvolvimento do raciocínio e da criatividade, à maturação emocional, à atividade motora e à disciplina para o uso de equipamentos eletrônicos, o uso dos dispositivos eletrônicos pode ocorrer sem malefícios. Pais e educadores não devem tirar o computador da vida das crianças e adolescentes, mas sim, mostrar o que significa e orientar como se afastar dos perigos e aproveitar melhor a tecnologia.

Vivemos um momento onde a imagem se tornou algo primordial pela conquista de espaços na sociedade, todos querem brilhar! O jovem, muitas e muitas vezes não consegue pensar nas consequências de seus atos, veem e percebem as coisas como se tudo fosse muito simples e comum. Atualmente, postar uma foto sua na rede social, expondo seu corpo, de forma erótica, insinuando-se, é algo corriqueiro, porém, mediante a divulgação desse tipo de foto, quando o jovem se dá por conta desta exposição, sofre, sente vergonha, e só então, percebe que existiu consequência, e estas de diferentes níveis e sofrimentos. Isto comprova a necessidade de uma maturidade emocional, que se dá a seu tempo, de diferentes formas, sempre com orientação. Cabe aos pais e educadores estarem atentos sempre.



E SE...

por Leandro Salenave / Webmaster / Rede ND

Em um mundo distante, dotado de um vasto ecossistema e habitado por uma espécie com um maravilhoso dom chamado raciocínio, os estudos tecnológicos avançam diariamente.

A onda no momento neste mundo é a mobilidade... para qualquer lugar que forem as pessoas estão sempre conectadas. Como área geográfica disponível à moradia e seus ofícios profissionais é vasta, eles se deslocam constantemente de um ponto a outro, seja para lazer, estudo ou trabalho. Mas não importa onde elas estejam, ainda assim, é possível contatar qualquer pessoa.

A tecnologia influencia diretamente no modo de se transportar pessoas e cargas. É bem verdade que algumas coisas parecem um tanto dicotômicas, pois já foram descobertas formas de baixíssimo impacto ao seu ecossistema, e ainda assim utilizam equipamentos antigos que fazem mal às pessoas e ao ecossistema.

Outro aspecto interessante deste mundo é que as pessoas de diferentes classes sociais – sim, eles se classificam quanto cada indivíduo consegue ganhar um título chamado de dinheiro em determinados períodos de tempo – estão tendo cada vez mais acesso a informação e, quando conectados, todos são iguais. Mesmo transvestidos tecnologicamente por um aparelho, ninguém se difere em raça, credo e condição social quando estão online.

É bem verdade que tanta disponibilidade de informação, vem causando sérios problemas nos seus habitantes. Alguns chegam a desenvolver transtornos e fobias e outros perdem a noção de sociedade, isolam-se em meio de tantos. Acabam tendo dificuldades de distinguir o certo do errado e, ao invés de promover o conhecimento compartilhado na rede, causam intrigas, bullying e exposições que comprometem o presente e, possivelmente, o futuro dos envolvidos.

Ainda bem que esta realidade é de um mundo distante. Mas, e se...

Houve um estudioso deste mundo que através do extrato de árvores, conseguiu extrair um líquido chamado celulose e dele prensou e, junto com outros elementos, criou o papel. Questionado por muitos da utilidade do seu invento, o estudioso chamado Cai Lun defendeu que crianças poderiam ter a motricidade mais desenvolvida comparada ao uso diretamente nos tablets. Com o papel é possível passar as obras que hoje estão disponíveis em meios digitais, criando pequenos livretos que acompanhem as pessoas enquanto se deslocam para o serviço, antes de dormir, na sala de espera do seu médico, enfim, em todos os lugares que os dispositivos móveis chegam sem a necessidade de recarregá-lo.

Até é difícil de acreditar que uma civilização tão desenvolvida, jamais tenha pensado na possibilidade de ter criado o papel. Aqui na Terra, desde 1840 o papel já é feito de celulose e, antes disto, outros componentes substituíam este extrato, como o algodão e o linho.

O caso é que, mesmo contrariando tantos incrédulos, o papel tem se tornado muito comum. As primeiras papelarias começaram a se formar neste mundo. Presentes agora todos são embalados em papel e mais, ficam acomodados em caixas de todos os tamanhos, formatos e cores. Canetas, lápis e hidrocores foram criados para atender esta incrível demanda.

A febre pelo invento é tanto que agora as escolas colocam na sua lista de materiais cadernos e precisam delimitar padrões pois as opções são tantas que a disponibilidade torna quase inviável a produção textual nestes materiais.

Revistas e jornais veem no papel uma possibilidade e iniciam a sua produção impressa. Utilizam folhas foscas, brilhosas, relevos, tudo o que é possível na disputa pela atenção deste novo consumidor. Novos utensílios como revisteiras e escrevaninhas começam a ser vendidas em fábricas de móveis.

E finalmente, as histórias que tanto encantam crianças e adultos: lúdicas, românticas, dramas e lindas coleções de poemas começam a ser fechadas em livros impressos. Livros didáticos são produzidos em larga escala e coleções inteiras de enciclopédias impressas começam ser vendidas de porta em porta... tudo pelo prazer de folhar um livro.

Como na Terra, este mundo distante também é acometido do princípio da ação e da reação e, logo começaram os problemas. As assinaturas semanais de revistas e os jornais diários geram uma quantidade monstruosa de lixo. E o entulho classificado como seco, agora tem um novo produto para reciclagem.

Mas se acostumar com este novo detrito foi o menor dos problemas que enfrentam neste momento. Muitos casos de fobia social são relatados. Em reuniões familiares os jovens sacam seus pokets dos bolsos e, como se não houvesse mais ninguém no ambiente, iniciam uma viagem incrível de leitura, ficam alucinados com as descobertas e querem acabar logo e poder socializar as descobertas... quanto a reunião familiar, esta sim, passaram a não saber do que conversavam.

Os governos precisaram decretar leis específicas quanto a leitura em sala de aula pois, a todo momento, alguém na sala inicia uma leitura, o que realmente atrapalha os demais colegas. Livros nas escolas precisaram ser restritos a uma área que nomearam de biblioteca.

Independentemente do tamanho dos livros, todos querem ler mais e mais e, as editoras atentas a este grande nicho de mercado, lançam títulos novos com uma frequência alucinante, deixando ocioso o modelo de livro anterior.

Uma grande quantidade de livros é lançada periodicamente para que haja convergência de histórias, inclusive entre diferentes editoras. Impressões cada vez mais nítidas disputam as preferências do público.

Casais relatam não conseguirem mais estabelecer conversas pois seus cônjuges estão sempre lendo e, mesmo durante uma discussão, um dos dois puxa seu livro e inicia uma leitura.

Crianças estão deixando os smatphones de lado para ficarem lendo e, os grandes períodos de tempo de exposição ao livro sinalizam aos pais que, além de não estarem mais compartilhando mensagens com os amigos pelas redes sociais, a leitura em excesso pode provocar problemas visuais.

O que inicialmente parecia uma criação incrível, tem se mostrado um inimigo da sociedade. E o problema não foi ter inventado o papel depois dos recursos tecnológicos, foi não saber dosar a permissividade que o recurso oferecia.

E, se...

E se isto tudo fosse verdade, e se esta hipotética história, deste hipotético mundo distante fosse aqui. E se o livro realmente tivesse sido inventado depois de toda tecnologia que temos hoje. Seria delírio acreditar que todos estes problemas estariam acontecendo nesta mesma ordem.

O fato é que a tecnologia existe e está presente em tudo o que se faz. Os sites de delivery estão por toda parte e para praticamente tudo o que quisermos. Está com fome, ou encomenda algo pronto ou faz compras no mercado. Precisando de remédios, tele entrega da farmácia via página da web que, além de acompanhar seu pedido, pontua no seu cartão fidelidade. Precisando de um carro ou uma casa nova, na internet você visita uma infinidade de ofertas e compara opções que jamais teria tempo de fazê-lo presencialmente.

No seu smartphone, encontrar um restaurante, um hotel, um endereço é simples e prático. Ser notificado de uma reunião e estar preparado para detalhes que podem fazer a diferença é uma realidade. Teleconferências na palma das mãos podem ser realizadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Estudar então, nem se fala... o tempo de deslocamento para estar fisicamente na instituição de ensino – entenda-se aqui a educação superior – e a necessidade de horários pré-determinados de início e término da atividade soam tão obsoletos



quanto entender que para sanar a dúvida sobre um conteúdo precisa da latência de uma semana até o próximo encontro com o professor.

Relações sociais e de consumo, tanto de produtos quanto serviços, mudam a todo momento e já não mais existe a preocupação com estarmos sempre cientes de tudo o que é lançado e consumir tudo o que é novo.

No entanto, não somos tão diferentes deste mundo distante, produzimos carros elétricos mas não há subsídios para adquiri-lo. O mesmo anonimato que a identidade virtual reserva para tantos problemas, é o mesmo que iguala as classes sociais, os credos e as fronteiras. Sem diferenças, sem guerras.

Para chegar ao estado conhecido como *alone together*, ou seja, estar rodeado de pessoas e ainda assim estar só, não é preciso um dispositivo eletrônico, um livro basta. E se o livro realmente tivesse sido criado após o *smathphone*, não seria ele o um grande gerador deste estágio?

Ainda como reflexão, caberia a interpretação contrária. A tecnologia nos permite estarmos *together alone*? Ou seja, mesmo só, você tem milhares de pessoas acompanhando seus pensamentos e suas ações.

Há de se chegar a um ponto de estabilidade. A curva do consumo exacerbado de tecnologia precisa ser estabilizada. Nem o livro e nem os equipamentos eletrônicos são culpados pelas fobias sociais. A falta de harmonia na relação do uso destes, sim.

Ainda não presenciei a frase de nenhuma mãe brigando com o seu filho "Larga já este livro, você fica o dia todo lendo. Onde já se viu?! Pega logo seu tablet e vai conversar com seus amigos!!" Mas, analisando os fatos de maneira isolada, não será impossível um dia escutar tal conversa.

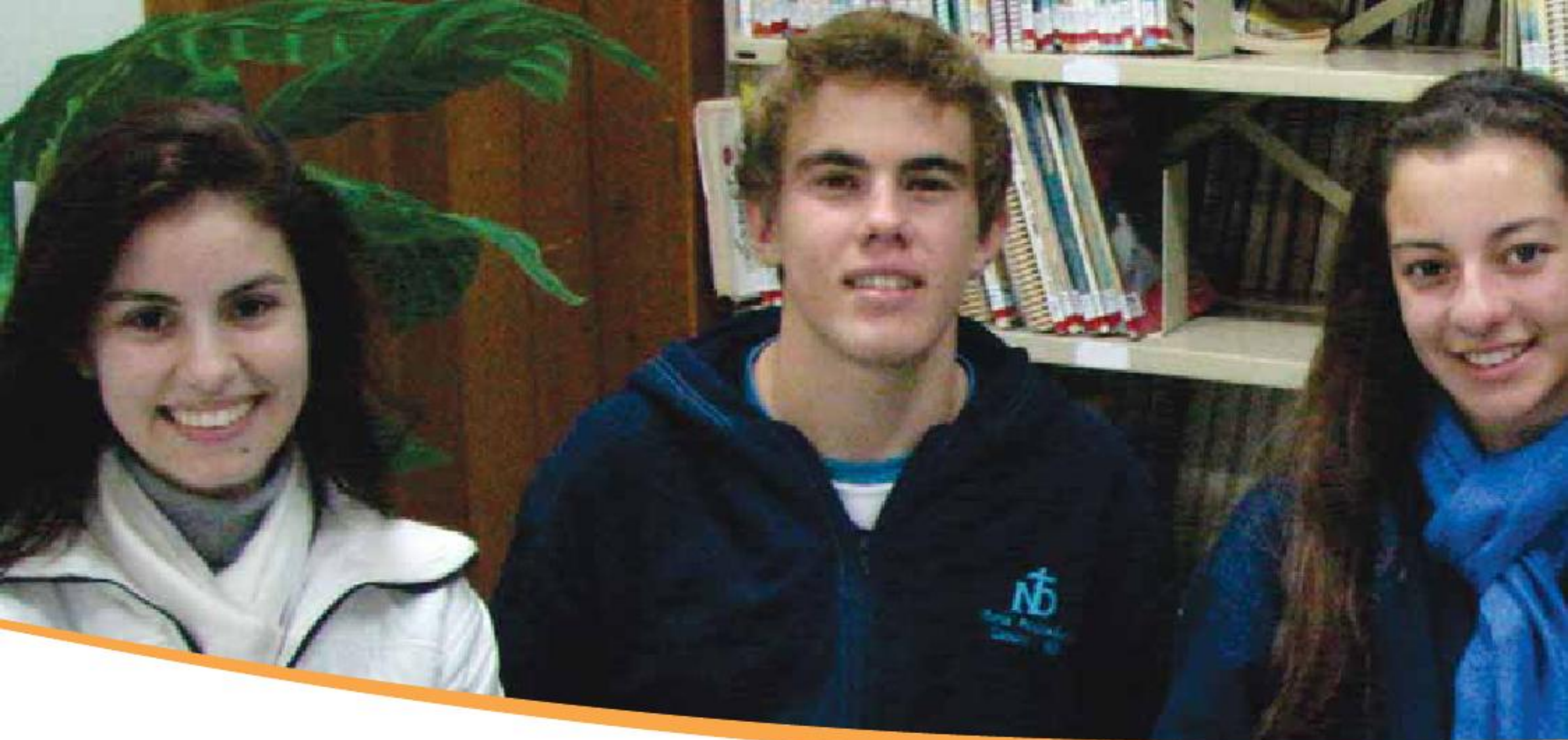
Mas, aqui na Terra coexistem livros e computadores e a ordem de criação foi providentemente esta. A história nos presenteou com ilustres em ambas áreas e fico feliz pelo simples fato de ter a mesma classificação biológica deles, a citar Moacyr Scliar e Steve Jobs, Monteiro Lobato e Linus Torvalds, Guimarães Rosa e Bill Gates.

Sei que tudo não passa de um ponto de vista, de uma visão otimista sobre a tecnologia mas é algo que precisa ser questionado. Nem tudo é bom, mas daí achar que a tecnologia põe tudo a perder é, no mínimo, questionável.

Diz um provérbio chinês: quando dois homens se cruzam pelo caminho, cada um com uma saca de farinha e a trocam, cada qual segue ainda com uma saca. Quando cada um traz uma ideia e a trocam, cada qual segue com duas ideias.

A todo momento encontramos nas redes coisas que nos fascinam, que nos emocionam e com elas aprendemos a todo momento. Em muitas vezes, somos nós mesmos os geradores de tão relevante conteúdo, mesmo apenas expondo uma forma de pensar. O escambo de produtos e serviços sempre será imprescindível, mas a partilha de ideias socializada a milhares de pessoas ao mesmo tempo, é tão inovador quanto fantástico.

Sei que tudo isto não passa de uma fábula, uma hipótese não científica, apenas uma suposição. Mas, e se...



A EDUCAÇÃO E A MÍDIA VIRTUAL

Os alunos do Ensino Médio dos Colégios Maria Auxiliadora e Santa Teresinha reuniram-se para um bate papo com a Revista Enfoque com a participação à distância dos alunos do Colégio Madre Júlia, a fim de socializarem o que pensam e como agem em relação às mídias eletrônicas e as redes sociais, que invadiram seu universo vertiginosamente.

Alunos: Keterly Jhuani Herrmann Bortolanza, 1º ano; Leonardo Valentini, 2º ano; Taís Eduarda Rodrigues, 2º ano - Colégio Santa Teresinha; Augusto Schreiner Haab, 2º ano e Nathalia Eugenio, 3º ano - Colégio Maria Auxiliadora; Tomás Scherer Ellwanger e Davilson Urbinatti Filho, 1º ano - Colégio Madre Júlia.

Mediadores: Cláudia Lima Gonçalves, Coordenação de Tecnologia Digital do CMA; Leandro Salenave, Webmaster - Rede Notre Dame; Irmã Luiza Morschel, Psicóloga; Luciana Severo, Comunicação e Marketing - Rede Notre Dame.

Embora o termo tecnologia seja associado à informática e ferramentas de auxílio a equipamentos digitais, a palavra tecnologia tem um significado mais abrangente. Podemos resumir o termo tecnologia como um conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, construção ou utilização de algum material que tenha por objetivo facilitar a vida humana.

Presente desde a pré-história, como por exemplo, com a descoberta do fogo ou de artigos para caça e pesca, podemos considerar que a evolução tecnológica é amplamente difundida na Idade Contemporânea, a denominada "Era das Invenções". Contextualizando um pouco a história, temos a invenção do telefone datada em 1876 e do primeiro computador em 1946. Setenta anos se passaram entre essa evolução. De forma exponencial hoje vemos os recursos tecnológicos e mídias sociais avançarem em equipamentos muito pequenos e com capacidade cada vez maior de armazenamento de recursos e de informações, que se fazem presente e muitas vezes essenciais no nosso cotidiano.

Os alunos reunidos nesse bate papo nasceram entre os anos 1997 e 1999. Academicamente os primeiros protocolos de transmissão de informação datam da década de 70, mas a Internet como conhecemos hoje, só começou a ser difundida no RS por volta de 1995. Desta forma percebemos que os alunos entrevistados já nasceram no mundo internauta. As ferramentas de pesquisa de informações, os bate-papos (quem não lembra do MSN, que data como surgimento em 1991?) fazem parte da vida desses jovens desde seus primeiros entendimentos de comunicação.



É interessante que as crianças, hoje, não conheceram uma máquina de escrever, não souberam o que é uma aula de datilografia, e digitam nos teclados muito rapidamente. Não compreendem o fato de que quando se errava o texto, não era possível apagar e/ou corrigir. Nosso bate-papo teve por objetivo entender como essa geração compreende as redes sociais, como utiliza os recursos tecnológicos e o que percebem de interação humana nesses processos. A transcrição de muitas expressões contidas nesse texto, foi realizada de forma literal. Nosso objetivo foi traduzir de maneira mais natural e precisa a fala dos jovens ND.

Após as apresentações dos participantes, questionamos o grupo quanto ao primeiro contato que os jovens tiveram com a internet e diferentes iniciações foram lembradas:

Nathalia, cita o fato de que sua mãe tinha um computador que usava para o trabalho, e eventualmente podia utilizá-lo para o uso das atividades escolares, porém, com tempo determinado. "Lembro que o computador era grande e eu era muito lenta". Já Augusto relembra que ao ligar o computador aparecia o pedido de senha, e seu pai orientava para que ele "desse um ENTER". Seguindo a orientação no seu entendimento, digitava a palavra SENHA, mas nada acontecia. "Eu acompanhava minha mãe que trabalhava em uma loja, onde as encomendas eram feitas por pedidos via Skype. Meus primeiros acessos ao computador eram bem restritos, pois meus pais julgavam o excesso prejudicial aos olhos.", conta Keterly. Para Leonardo "Computador era coisa para adultos", pois sempre via seus pais usarem para trabalhar, comenta que iniciou sua utilização através de joguinhos no computador de sua prima. Thais teve suas primeiras experiências com o computador também através de jogos que eram comprados em CD. "Eles vinham em uma maletinha". Só a partir dos 12 anos passou a usar com mais frequência. Tomás conta que aprendeu com o tio que o ensinou a mexer em jogos e a conversar com colegas pelos chats. E Davilson relata que iniciou com o uso do ORKUT e do MSN para poder interagir com seus amigos.

"Meus pais não controlam meu uso na internet, pois confiam em mim e sabem que a uso bem, porém algumas vezes eles perguntam o que estou fazendo no computador", relata Tomás.

@

Na conversa, pudemos perceber que todos aprenderam com rapidez e naturalidade. E hoje os programas que usavam já são obsoletos e ultrapassados como: Orkut, salas de bate papo, as próprias mensagens via SMS, que estão sendo substituídas pelo Whats App – "Quanto mais rápido, melhor!!!"

Seguindo seus avanços no tempo e no conhecimento falamos sobre o uso diário da internet. Quantas horas costumam ficar conectados, e desse tempo, o quanto é dedicado para os estudos.

De forma inteligente e madura afirmam que há momentos e intenções diferentes. O notebook é utilizado para digitação de textos mais longos, trabalhos escolares. Já o celular está ligado constantemente para interação a qualquer momento, seja por diversão ou estudo. "Mesmo que estejamos digitando um trabalho ou estudando, estamos interagindo via rede social ao mesmo tempo. Normalmente não separamos as atividades. Somos de uma geração que faz tudo ao mesmo tempo. Interagimos com vários meios de uma vez só".



Alunos do
Colégio Madre Júlia
com participação via internet.

Porém, quando precisam estudar com mais concentração, conseguem desconectar de tudo por pelo menos duas horas. Mas, para isso, todos concordam que é preciso deixar o celular bem longe, pois, qualquer sinal de contato se torna uma tentação – “É preciso afastar a possibilidade”, comenta um dos entrevistados. Em contrapartida, Keterly diz que tem o hábito de ajudar a mãe com os e-mails, porém, faz isso interagindo com os estudos. “Estudo com várias páginas abertas e dou conta de fazer tudo”.

Percebemos que o tempo compartilhado nas atividades não dificulta nada para os jovens. Para eles, essa dificuldade é problema dos adultos. “Estamos sempre conectados e disponíveis, 24 horas, se necessário”. O jovem Augusto comenta que “Quando usamos a internet ou programas com nossos pais, nossa velocidade e agilidade no uso não são acompanhados por eles, meu pai às vezes comenta que não tem como estar fazendo certo se é tão rápido”

Da mesma forma que se mostram muito ágeis, também mostram que estão atentos às necessidades do mundo real. Realçam fatos como o uso do celular em encontro de família ou reunião entre amigos: “Pessoas que estão no mesmo ambiente falam por celular ou tablet; crianças pequenas já estão trocando a convivência pelo uso do bate papo via Whats App”. Todos foram unânimes ao afirmar que a conversa virtual está substituindo o convívio, e que isso não é correto. “Elas (crianças) não correm nem brincam, acho que isso está errado”, diz Nathalia.

Os alunos dizem ficarem perplexos quando chegam a lugares públicos e observam as pessoas no trabalho usando smartphones continuamente. “Às vezes parece que nem escutam o que a gente fala, apenas respondem um ahã, para dizer que estão atendendo”. Para eles “as pessoas parecem estar fora do ar”. Acreditam que “como todos têm acesso fácil, terminam perdendo a noção do tempo. A distração faz minutos virarem horas. E não ganhamos atenção”. Também verificam que no recreio da escola, os interesses mudaram, pois não há mais conversa em alguns grupos, e ressaltam: “colegas que estão lado a lado conversam por celular”.

A preocupação vai além do momento em que vivem hoje. Percebemos em todos a preocupação com o futuro, como por exemplo, na fala de Leonardo: “Se crianças de 10 anos já estão muito tempo no celular, quando estiverem na vida profissional não vão viver sem ele, vão estar sempre pensando em outra coisa”.

“Não preservo muito minha imagem, pois gosto de ser notado, mas existem dados que não os preencho para poder evitar “hackers” ou alguém que queira fazer mau uso”, afirma Davilson.

@

Colocamos a seguinte afirmação para o grupo: “Lê-se sobre as redes sociais, que a partir do momento que os pais estão inseridos no facebook os filhos passaram a migrar para outras redes”. Nossos alunos não concordaram com essa provocação e citaram seus acessos em hora de lazer, independente de seus pais: Facebook, Whats App, revistas com novidades (por não precisar comprar), jornais, programas de TV quando perdem o momento de assistir, e Instagram. O cuidado com as fotos postadas é também marca registrada do grupo, pois relatam que não gostam de se expor: “na adolescência precisamos manter nossa privacidade e além disso, não é seguro ficarmos postando todo o local que visitamos ou frequentamos”. Os jovens também trazem isso como recomendação dos pais, principalmente no aspecto da segurança física e de pessoas mal intencionadas que podem vasculhar seu perfil.

Há poucos anos, tínhamos o hábito de telefonar muitas vezes ao dia para os nossos amigos. Esse costume já não está



na rotina dos nossos jovens. Costumam usar o telefone apenas quando precisam certificar-se de algo que talvez no “trânsito” das redes sociais podem não ser vistos. Eles afirmam: “Ligamos para ter certeza que o colega recebeu um trabalho”, ou ainda, “Às vezes é preciso saber uma resposta e não somente um sim ou um não digitado”.

Tratando-se de um bate papo com alunos do Ensino Médio, não poderíamos deixar de falar sobre o futuro profissional dos jovens. Sabemos que é uma atitude comum das empresas vasculharem os perfis dos candidatos nas redes sociais. Preservar sua imagem desde já começa a ser uma preocupação para nossos alunos, principalmente para quem está no 3º ano, como Nathália: “Não costumo postar fotos minhas na internet, nem mesmo compartilhar postagens de outras pessoas”.

O grupo salienta que estão sempre atentos aos perfis dos professores, “Eles são nossos exemplos, estranho seria vê-los em situações desagradáveis”. Alguns já excluíram pessoas por acreditar que o perfil não combina com o deles, e riram ao comentar “inclusive tios e primos próximos que ficam mandando mensagens toda hora ou publicando que consideramos desagradáveis”.

Continuando na provocação de seus pensamentos e sentimentos, citamos a possibilidade de a internet ser hoje uma relação sem corpo, e a reação foi imediata. “Vimos uma carinha como fotinho e não como uma pessoa. E quem está do outro lado vê da mesma forma”, relata o grupo, preocupado com o convívio. Também colocam que o sentimento não está presente, ou nem sempre é verdadeiro: “Não enxergamos as reações, não vemos lágrimas nem sorrisos.”

Preocupados com os amigos virtuais, afirmam que só aceitam como amigos virtuais pessoas que já viram pessoalmente alguma vez, não o amigo do vizinho do tio ... Keterly relata “...nossas relações nas redes sociais são com pessoas que já vimos pelo menos uma vez, mas é bem comum receber convites de pessoas estranhas, geralmente amigos dos nossos amigos. Sempre costumo perguntar quem é a pessoa quando recebo um convite, se não conheço, não aceito.”

Thaís também concorda com o assunto e diz deixar a solicitação na espera quando não quer aceitar. “Até mesmo as pessoas que conheço, quando postam assuntos desagradáveis eu delete da minha lista de amigos” afirma Leonardo. Augusto concorda com os colegas e acrescenta: “Costumamos selecionar também virtualmente as pessoas que têm algo em comum conosco”.

A Rede Notre Dame agradece a colaboração desses jovens que responderam com espontaneidade as provocações dos entrevistadores. Em pouco tempo de conversa, percebemos o interesse do grupo em compartilhar suas experiências, dividir suas angústias e traçar caminhos para as novas gerações.

Somos uma marca comprometida com a excelência da educação que oferecemos aos nossos alunos. Acreditamos que os princípios educacionais da rede ND, permeados nas palavras “Bondade, Firmeza e Competência” são importantes na formação do indivíduo. Os recursos tecnológicos estão presentes em nosso cotidiano, cabe aos Educadores e Alunos Notre Dame explorar a tecnologia a favor da educação e compartilhar suas experiências.

A entrevista foi realizada na biblioteca do Colégio Maria Auxiliadora. O grupo agradeceu a experiência proporcionada, os anfitriões entregaram mimos para os visitantes e receberam o convite para conhecer suas escolas e tratarem de outros temas em novas entrevistas. Perguntamos se devido a distância entre as escolas, poderíamos fazer os encontros no formato de vídeoconferência e Nathalia respondeu pelo grupo “Não podemos perder o contato do olho no olho, essa é a melhor forma de comunicação”. Ficaremos na expectativa de outros encontros nas escolas da Rede ND.



LUCIANA ALLAN

responde sobre
a intervenção
da tecnologia
na sala de aula

A escola precisa não só adotar tecnologias digitais, mas repensar sua metodologia de ensino para que possa atender

ao seu objetivo máximo que é preparar seus alunos para dar continuidade aos seus estudos, ingressar no mercado de trabalho e exercer sua cidadania, como prevê os Parâmetros Curriculares Nacionais.

ENFOQUE ND - Estamos diante de uma forte intervenção tecnológica nas escolas. Diante do fato, como você percebe o uso da tecnologia na pedagogia?

LUCIANA ALLAN - As tecnologias digitais vêm ganhando força e se incorporando, cada vez mais, ao processo de ensino e aprendizagem. Até pouco tempo podíamos ignorar o potencial destas ferramentas, mas hoje elas já fazem parte do cotidiano de crianças e jovens que as utilizam com fluência para interação, comunicação e acesso à informação. A geração que está hoje nas escolas é chamada de Geração Z e é considerada como a geração dos nativos digitais. Diferente das gerações anteriores, eles não param para pensar para que serve determinada tecnologia, eles simplesmente a usam à medida que se deparam com alguma necessidade no seu cotidiano pessoal ou educacional. São muitas as possibilidades de uso das tecnologias digitais na pedagogia. Como exemplos podemos citar seu uso para: apresentação de conceitos complexos com apoio de simulações e objetos de aprendizagem em 3D; criar oportunidades de interação e colaboração entre alunos de uma mesma escola, com alunos de outras escolas e com especialistas sobre determinado assunto de pesquisa; produção de materiais multimídia para divulgação de resultados de pesquisa etc.

E - Você acredita que o professor está preparado ou disposto a modernizar seu estilo de transmitir o conhecimento inserindo a tecnologia na sua aula?

LA - Vivemos um momento especial da história da humanidade onde as tecnologias digitais têm se incorporado cada vez mais ao nosso cotidiano, mudando a forma como nos relacionamos uns com os outros, acessamos e compartilhamos informação. Estas mudanças têm ocorrido na sociedade, como um todo, e não está sendo diferente na educação. Os professores vêm sendo impactados por estas mudanças e, com isso, estão mais sensibilizados sobre a necessidade de rever sua prática. Como tudo é muito novo, os professores ainda estão descobrindo o potencial das ferramentas que estão disponíveis nas escolas e nas mãos dos alunos e tendo a necessidade de avaliar como elas podem colaborar no processo de ensino e aprendizagem. Daqui para frente, esta deverá ser uma prática permanente, visto que são muitos os recursos e a cada dia nos deparamos com uma nova possibilidade.

E - Na sua opinião, como os dispositivos móveis podem, ou não, serem úteis em sala de aula?

LA - Os dispositivos móveis devem estar cada vez mais presente na sala de aula, sendo uma ferramenta a mais que pode contribuir para apresentar conceitos complexos, prover acesso à pesquisa, propiciar interação e colaboração, inclusive com outras escolas, colaborar na produção de materiais para apresentação de resultados de pesquisa etc. Até pouco tempo a estrutura mais comum que encontrávamos, em muitas escolas, era as tecnologias estarem disponíveis em laboratórios de informática e os alunos terem acesso limitado, em um determinado momento da semana, planejado pelo professor. Hoje, com as tecnologias móveis e rede wireless é cada vez mais comum vermos as tecnologias disponíveis na sala de aula, permitindo que os alunos as utilizem com mais frequência.

Há, inclusive, um movimento mundial chamado BYOD (bring your own device) ou seja, “traga seu próprio dispositivo”, estimulando que seja permitido aos alunos levarem seus recursos tecnológicos para a escola para serem usados no seu processo de ensino e aprendizagem. A grande maioria dos celulares hoje têm muitas funcionalidades que podem colaborar com a aprendizagem dos alunos como, por exemplo, fotografar, filmar movimentos, gravar, pesquisar, calcular etc. O ideal não é proibir seu uso em sala de aula, mas estabelecer combinados para que sejam utilizados em momentos adequados. Se o professor tem um plano de aula bem elaborado, com objetivos e estratégias de aprendizagem bem definidos e apresenta de forma clara sua intencionalidade aos alunos, eles irão se envolver na atividade e, com certeza, utilizarão as tecnologias disponíveis para auxiliá-los a superar os desafios propostos pelo professor.

Já, quando isso não ocorre digo que podemos otimizar o péssimo, ou seja, aquilo que era ruim pode se tornar pior, pois os alunos sabem utilizar estes recursos e se para eles não tiver clara a proposta de trabalho, eles vão utilizar as tecnologias para outros fins, diferentes daqueles que deveriam ser a proposta de trabalho daquele momento.

E - Os jovens estão cada vez mais inseridos no mundo da web. É possível que o professor que não acompanhe o avanço tecnológico na educação, se distancie da linguagem dos alunos?

LA - Não diria que o professor se distancie da linguagem dos alunos, mas talvez tenha mais dificuldade de motivá-los para a aprendizagem. O processo educacional contemporâneo exige novas práticas de ensino, onde o foco deixa de ser a transmissão de conteúdo e passa a ser o desenvolvimento de competências e habilidades para o Século XXI. Valoriza-se também o ensino e a avaliação personalizada, onde os alunos têm oportunidade de trilhar caminhos diferentes de aprendizagem. Algumas das competências essenciais que devem ser desenvolvidas durante a vida escolar dos alunos são leitura e escrita, raciocínio lógico, pesquisa, uso de tecnologias digitais e trabalho em equipe. Além destas, mais recentemente, outras competências têm sido consideradas como relevantes. São as competências para inovar, empreender e liderar. E, muitas vezes, para criar todas estas situações de aprendizagem e instigar os alunos, é interessante ter o apoio de recursos e da linguagem digital.

E - O uso da tecnologia em sala de aula já é apontada como uma maneira de melhorar a qualidade da Educação?

As tecnologias digitais podem sim contribuir com a melhoria da qualidade da educação. No entanto, somente introduzi-las no processo educacional não é suficiente para que tenhamos melhores resultados. Para que isso ocorra é necessário também rever a prática pedagógica e planejar muito bem as aulas. Trazer as tecnologias digitais, dentro de um modelo tradicional de ensino, onde o professor está no centro do processo de aprendizagem e o aluno é, na maioria do tempo, expectador, não encanta. Para que tenhamos sucesso é preciso que as tecnologias estejam na mão dos alunos. São eles que devem pesquisar, interagir com outras pessoas, criar materiais, ou seja, serem os protagonistas do processo de aprendizagem e não o professor. Neste processo, o professor deve ser um mentor, um especialista que tem um conhecimento mais amplo sobre o tema e que irá orientar seus alunos no processo de construção do conhecimento.

E - Quando se pensa em alfabetização digital, como lidar com a possibilidade de que os alunos estejam mais evoluídos que os professores no uso das tecnologias digitais?

LA - Com naturalidade. Os alunos sempre saberão manipular melhor do que nós as tecnologias digitais. Eles são nativos digitais e nós não. O que precisamos é reconhecer esta nossa limitação e aprender a aprender, inclusive, com nossos alunos. Muito do que eu sei hoje é fruto do tempo que estive no laboratório de informática com meus alunos. Lá, da necessidade, dos desafios apresentados pelos diferentes projetos e pela curiosidade, exploramos diferentes ferramentas e descobrimos juntos o potencial de cada uma delas. Foram momentos de aprendizagem significativa que até hoje está na memória de cada um de nós. Por isso, sempre que tenho oportunidade de estar com um grupo de professores digo a eles para criarem coragem e ousar, pensarem “fora da caixa”, pois somente com um novo olhar, conhecimento técnico, muita criatividade, coragem e disposição iremos reverter os resultados educacionais, sendo capazes de desempenhar o papel que cabe a cada um de nós que atua na área de educação: colaborar para que crianças e jovens sejam capazes de ter e perseguir seus sonhos!

Sobre Luciana Allan

Doutora em Educação pela FE/USP, Mestra em Ciências da Comunicação pela ECA/USP e formação básica em Matemática pela FMU. Atua há mais de duas décadas em projetos de informática educativa, muitos voltados à formação de professores. Neste contexto, participou da elaboração dos Parâmetros Curriculares em Ação e dos PCN+ Conceitos Estruturantes, ambos para o MEC. Também foi organizadora do Guia Crescer em Rede em parceria com a Fundação Odebrecht e idealizadora da avaliação de práticas educacionais inovadoras apoiadas pelas tecnologias digitais. Participou de cursos livres e de extensão pela Escola do Futuro/USP e hoje é professora convidada do Senac SP. É diretora técnica do Instituto Crescer para a Cidadania.

OS DESAFIOS E AS POSSIBILIDADES DA MÍDIA NO CONTEXTO ESCOLAR

por Adriana R. Martins, Aline Brutti Aita, Andréia Moro Chiapinoto e Simone Chaves Alves
Professoras / Escola Santa Catarina

O advento das tecnologias da informação e comunicação (TIC) na escola resalta e destaca novos desafios e problemas referentes aos espaços, tempos e usos delas no ambiente escolar, pois se faz necessário compreender suas peculiaridades e reconhecer as suas funcionalidades, as quais podem potencializar a assimilação de novos conhecimentos, em todas as áreas do saber. Assim sendo,

O uso da Internet na escola é exigência da cibercultura, isto é, do novo ambiente comunicacional-cultural que surge com a interconexão mundial de computadores em forte expansão no início do século XXI. Novo espaço de sociabilidade, de organização, de informação, de conhecimento e de educação. (Silva, 2014)

Nos dias atuais trabalhar com as mídias e buscar associar aos conceitos e conteúdos da escola é um dos pontos determinantes que irão contribuir para uma aprendizagem dinâmica e atrativa. Pois um dos desafios da escola diante das tecnologias, internet e dos aparelhos eletrônicos é propor atividades desafiadoras que levem os alunos a levantar problemas e buscar soluções.

O professor deve ser mediador deste caminho que o aluno deverá percorrer para formar conceitos e redescobrir novas possibilidades.

A sociedade atribui desde o princípio que a escola tem a responsabilidade da formação cultural e histórica. Assim é preciso também colocar a criança a frente de todas as possibilidades que oportunizem aprendizagem significativa e que vão contribuir para a sua formação integral.

As mídias sempre estiveram presentes na escola de maneira formal, e havia muita resistência no seu uso diário em sala de aula, o que nos dias atuais carece mudar. Os professores precisam estar preparados para utilizar as tecnologias de informação e comunicação (TIC) no seu planejamento e na ação em sala de aula.

Tendo as TICs como ferramentas de apoio para pesquisas é possível oportunizar uma reflexão das ideologias que servem a cultura dominante e formar pessoas capazes de pensar e desenvolver suas próprias ideias. Segundo Kalinke:

Os avanços tecnológicos estão sendo utilizados praticamente por todos os ramos do conhecimento. As descobertas são extremamente rápidas e estão a nossa disposição com uma velocidade nunca antes imaginada. A Internet, os canais de televisão a cabo e aberta, os recursos de multimídia estão presentes e disponíveis na sociedade. Estamos sempre a um passo de qualquer novidade. Em contrapartida, a realidade mundial faz com que nossos alunos estejam cada vez mais informados, atualizados, e participantes deste mundo globalizado (1999, p.15).

Para que esse processo de socialização das mídias aconteça na escola é necessária uma formação constante dos professores para uma segurança e efetivação do uso das tecnologias na sua prática diária.

O uso das mídias na sala de aula

Considerada como uma das grandes realizações da humanidade, a tecnologia é uma das áreas que se desenvolve com muita rapidez. A aprendizagem que ocorre através das mídias tecnológicas trata-se de modos alternativos de aprender, mais dinâmicos, ativos e interativos que chamam a atenção despertando o interesse dos alunos. Nesta técnica o aluno é o centro do processo educativo.

O professor atua como mediador, facilitador, incentivador, desafiador, investigador do conhecimento, da própria prática e da aprendizagem individual e grupal. Ao mesmo tempo em que exerce sua autoria, o professor coloca-se como parceiro dos alunos, respeita-lhes o estilo de trabalho, a co-autoria e os caminhos adotados em seu processo evolutivo. Os alunos constroem o conhecimento por meio da exploração, da navegação, da comunicação, da troca, da representação, da criação/recriação, organização/reorganização, ligação/religação, transformação e elaboração/reelaboração. (ALMEIDA, 2014)

As Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC's), se utilizadas na escola de forma correta e com planejamento possibilitam uma aprendizagem formativa, ou seja, que vai além da informação, visto que gera novas maneiras de busca, onde o aluno pode desenvolver a sua autonomia, decidindo o que buscar e a melhor maneira para isso. Para tanto, é necessário que o professor oriente os alunos para que filtrem as informações, analisando-as a fim de se tornarem cidadãos críticos e autocríticos, não se tornando objetos de manipulação alheia, ou seja, apontar o caminho, ressaltando a importância da pesquisa e não a simples cópia e reprodução de textos sem fundamentação e comprovação científica. Conversar e trabalhar em sala de aula, exemplificando desde cedo o que é plágio e as formas pelas quais pode ser encontrado, usando para ilustrar trabalhos escolares mesmo. Também é importante orientar passo a passo o modo de se fazer uma pesquisa, para que os

alunos se tornem capazes de orientar também os seus responsáveis em casa sobre o como pesquisar, conscientizando-os que a comodidade do “copiar” e “colar” informações de sites aleatórios não são atitudes corretas de um pesquisador.

Para Demo (2007, p. 134) “A escola precisa buscar compromissos interativos, quase um pacto no qual ambas as partes aceitem aprender uma com a outra”. Neste sentido, destacamos a formação continuada do professor e a sua disponibilidade e conscientização sobre o ciclo e a troca de aprendizado com o aluno. Sabemos que a tecnologia se atualiza com frequência, o educador deve estar aberto a essas atualizações, mostrando-se interessado e motivado para aprender com os novos recursos e, se necessário trocar experiências com os seus alunos.

Essa formação continuada, a primeira vista pode causar estranhamento, resistência, pois novos conceitos de ensino e aprendizagem estarão em jogo. Entretanto, as tecnologias da informação estão diante de nossos olhos, não há como fugir dela, continuando com pensamentos e atitudes ultrapassadas, nas quais não correspondem aos centros de interesse dos alunos. É preciso desconstruir para reconstruir novas formas de ensino-aprendizagem, que realmente provoquem a curiosidade, o senso investigativo dos alunos, deixando-os sedentos por aprender cada dia mais.

Entendemos que frequentemente são criadas novas formas de comunicação, novas maneiras de ter acesso ao conhecimento e produzi-lo, desta maneira, a escola como formadora não pode ficar à margem do que a sociedade produz, e apenas reproduzi-la. Se a Tecnologia da Informação e Comunicação soma no aprendizado, é necessário sim que a escola se aproprie destes novos recursos e adapte-os a fim de qualificar o seu processo de ensino e aprendizagem.

Desta forma, as tecnologias trouxeram grande impacto sobre a educação, nos dias atuais, criando novas formas de aprendizado, disseminação do conhecimento e especialmente novas relações entre educador e educando no ambiente escolar.

Sendo assim, nesse mundo cada vez mais globalizado, torna-se necessário a eficácia na comunicação. Nossos educandos precisam aprender a escrever e a escrever sabendo identificar os gêneros textuais mais propícios para cada contexto, pois eles devem, ao menos deveriam sair das escolas preparadas para as exigências do mundo.

A escrita e também a leitura, é a base de todos os conhecimentos adquiridos durante a vida escolar e, por isso muito importante.

A realidade atual vem afastando cada vez mais nossos educandos do ato de ler. Aspectos como videogames, TV, o acesso restrito à leitura no núcleo familiar, a falta de incentivo, tem ocasionado pouco interesse para a leitura e por consequência, dificuldades marcantes na escrita, dificuldade esta percebida na escola.

Faz-se então, necessário, que a escola busque resgatar o valor da leitura como ato de prazer, requisito para emancipação social.

Estudos apontam que as tecnologias de informação e comunicação vêm causando impacto significativo no processo de ensino e aprendizagem nas instituições de ensino, e que a utilização dessas tecnologias deve ser adequada à realidade do educando. O acesso às tecnologias vem ganhando espaço nas salas de aula, levando professores e alunos a mergulharem em novos conhecimentos, mais diversificados e em constante atualização.

O trabalho com contos clássicos torna a aula mais atrativa, dinâmica e mais próxima da realidade dos educandos. Valoriza a língua como veículo de comunicação e expressão das pessoas e dos povos, abrangendo o desenvolvimento da linguagem, da leitura e da escrita. Para Kenski (2007, p.66)

“A escola deve, antes, pautar-se pela intensificação das oportunidades de aprendizagem e autonomia dos alunos em relação à busca de conhecimentos, da definição de seus caminhos, da liberdade para que possam criar oportunidades e serem os sujeitos de sua própria existência.”

Trabalhar a alfabetização na perspectiva do letramento permitirá a esses educandos compreender as funções sociais expressas pela escrita. Tarefa que se torna complexa levando-se em conta, entre outros fatores, os apontados por Ferreiro (1992,p.48)

“A natureza de paradigmas curriculares e metodológicos; a interferência de fatores intra e extracurriculares na aquisição da língua escrita; a adequação ou inadequação do equipamento escolar e do material didático de alfabetização; a competência ou incompetência do professor alfabetizador; a definição do tempo de aprendizagem necessária para o domínio da leitura e da escrita, quer em termos de duração em anos de alfabetização, quer em termos de horas-aulas por dia etc.”

É fundamental que a leitura seja um hábito na vida da criança, pois esta reflete de forma significativa na escrita da criança (e do adulto também). O estímulo que a criança recebe quanto à leitura é fundamental no aprendizado da escrita.

Assim sendo, a tecnologia da informação é uma realidade concreta e imprescindível. Sendo assim, é necessário, engajamento da escola e equipe de professores para que elas sejam tratadas, estudadas e aplicadas com seriedade e sabedoria, apontando os caminhos corretos a seguir, considerando as vivências e os centros de interesses dos alunos, que não sejam utilizados recursos ultrapassados e fora do contexto escolar. Assim a aprendizagem vai acontecer de maneira prazerosa, significativa e reflexiva desenvolvendo-se o senso crítico, o que é fundamental para a formação de um estudante pesquisador, pertencente a esse mundo globalizado e tecnológico.

HÁ MUITA VIDA FORA DA INTERNET

por Alvaro Aloisio Bourscheidt

Especialista em
Comportamento Humano nas Organizações
Assessor da direção-geral da FACCAT

Nos dias de hoje, frequentando espaços públicos, é cada vez mais comum deparar com pessoas que ali estão mas, na realidade, é a mesma coisa como se não estivessem. Na linguagem popular, costuma se dizer que é alguém apenas de “corpo presente”, porque os pensamentos, as ideias e a imaginação estão bem longe daquele lugar.

Em geral, tirando aqueles que são distraídos por natureza, tal comportamento, que poderíamos chamar de “ausência espiritual”, está associado à interação com o chamado mundo virtual, ou seja, à conexão com alguma rede social da internet. Porém, sejamos realistas, não é uma cena que se presencie somente à mesa de um restaurante, no banco de uma praça ou na escada rolante de um shopping center, mas algo que se passa até mesmo no aconchego do ambiente familiar, onde pais, filhos, cônjuges e irmãos, muitas vezes, pouco se falam e se olham. Em vez disso, preferem gastar a maior parte do tempo em que estão “juntos” entretidos com seus smartphones, tablets ou notebooks, da mesma forma como colegas de trabalho que dividem a mesma sala acham mais fácil passar por e-mail aquilo que poderiam falar diretamente, “ao vivo e a cores”.

O que chama a atenção é que essa não é uma conduta que se dissemina somente entre nós brasileiros, embora sejamos, reconhecidamente, um dos povos que mais “consome” internet – e, paradoxalmente, ainda pouco produtivos em pesquisas e soluções para aperfeiçoamento dos sistemas, mas isso já seria assunto para outro artigo.

Viajando por outros países, é fácil testemunhar como a compulsão pela presença nas redes sociais virtuais é um fenômeno de escala global, que não escolhe as pessoas por sexo, raça ou credo religioso. Causa espanto ver que muitos turistas, preponderantemente os mais jovens, mesmo estando diante de cenários mundialmente famosos, ficam o tempo inteiro tirando fotos (com muitos selfies, é claro!) ou fazendo vídeos, como que esquecendo de contemplar a olho nu cenários para os quais, talvez, não possam mais voltar algum dia.

Parece que não há tempo a perder: é necessário postar imediatamente no Instagram ou no Facebook, comunicar pelo Twitter ou pelo WhatsApp, para que os outros (amigos, familiares, seguidores, etc.) possam curtir, comentar, compartilhar, etc. A impressão que se tem é de que, caso não seja mostrado na internet, é a mesma coisa como não ter feito a visita ou que ela não valeu a pena.

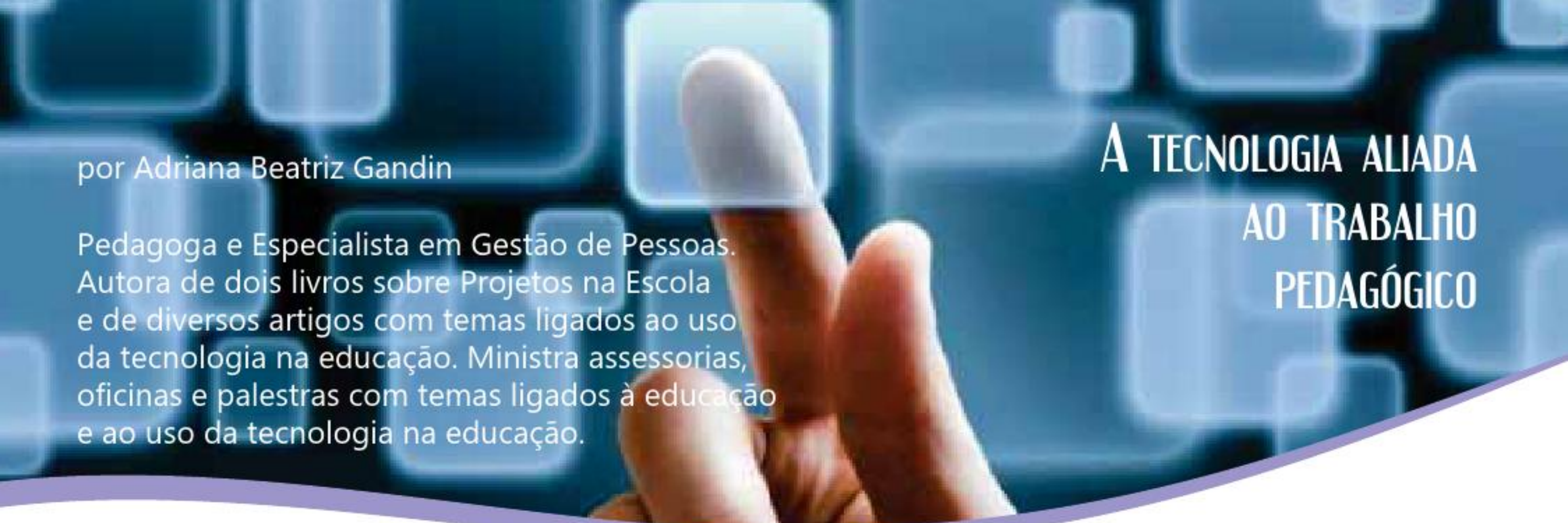
Confesso que, nessas situações, é mesmo difícil controlar a ânsia de querer registrar tudo que se vê e se torna necessário um grande esforço para desligar o equipamento a fim de sentir a atmosfera de cada lugar. Há que se ter em mente que um monumento histórico ou uma paisagem deslumbrante não são somente aquilo que nossos olhos veem, mas tudo o que está ao redor, os cheiros que exalam, os sons que os envolvem, enfim, tudo mais que os nossos sentidos possam captar e registrar na memória.

Não resta dúvida de que as redes sociais da internet proporcionam passatempos bem prazerosos e se constituem em ferramenta muito útil para conhecer pessoas e fazer novos amigos, da mesma forma em que se colocam como um canal acessível para expressar opiniões e buscar novos conhecimentos. O que não podemos deixar acontecer é que elas substituam a nossa vida real, que ocupem o lugar das redes sociais de verdade, aquelas que se estabelecem dentro da casa em que vivemos, da escola em que estudamos, da comunidade em que residimos.

Nada é mais gostoso e valioso do que um abraço de verdade, aquele que se dá e que se recebe da pessoa amada, do pôr de sol que se curte no alto de uma montanha ou da janela do quarto, do calor humano que se compartilha numa noite de frio. Temos que voltar a conjugar esses verbos em nossas ações do dia a dia, caso contrário corremos o risco de transformar a nossa existência em algo tão artificial quanto a realidade virtual.

Penso que existem algumas fórmulas bem simples para equacionar esse problema. Ninguém precisa ser avesso às novas tecnologias, mesmo porque elas estão presentes em nosso cotidiano, em praticamente tudo o que fazemos. Mas, não é necessário ficar dependente delas o tempo todo. Chega aquela hora do dia em que não estamos trabalhando ou estudando e o melhor a fazer é desativar a máquina e fazer outra coisa, de preferência, algo que signifique movimento, ação, pensamento, imaginação.

Brinque com o seu cachorro, dê uma volta de bicicleta para sentir o vento no rosto, faça um passeio pelo parque, leia um livro, toque uma música ao violão, seja o que for, você tem muito a fazer fora da internet. E, sobretudo, não esqueça de conviver, de falar com as pessoas, de cumprimentá-las, de interagir com elas, de desfrutar o melhor de cada lugar em que está. Caso contrário, você corre o sério risco de deixar de ver muitas coisas bonitas, de conversar com pessoas interessantes, enfim, de desperdiçar preciosas oportunidades que, talvez, jamais se repetirão em sua vida real.



por Adriana Beatriz Gandin

Pedagoga e Especialista em Gestão de Pessoas. Autora de dois livros sobre Projetos na Escola e de diversos artigos com temas ligados ao uso da tecnologia na educação. Ministra assessorias, oficinas e palestras com temas ligados à educação e ao uso da tecnologia na educação.

A TECNOLOGIA ALIADA AO TRABALHO PEDAGÓGICO

As “revoluções” ocorridas no mundo virtual, com a introdução das novas tecnologias, das mídias sociais e do “mundo do compartilhamento” são visíveis a todos. Elas estão desafiando todas as profissões e carreiras e na educação não é diferente. Podemos enxergá-las como uma dificuldade a mais ou, como eu prefiro acreditar, vislumbrá-las como uma grande oportunidade para realizar uma mudança qualitativa nas práticas pedagógicas, introduzindo agilidade e dinamicidade aos processos educativos e buscando novos modelos de ensino que sirvam para construir um ambiente de sala de aula que seja de aprendizagem significativa para alunos e professores.

Para que aconteça um trabalho adequado em relação ao uso das tecnologias e da internet é fundamental que haja um planejamento preciso por parte da escola. É importante garantir um trabalho de formação dos professores e a construção de políticas claras de utilização. É necessário envolver as famílias na discussão, orientando e acompanhando os alunos, trabalhando a questão da ética, do respeito e da boa postura na utilização do tablet e do smartphone, por exemplo, e também, em relação ao uso consciente das redes sociais e da internet.

O professor precisa de tempo e de formação específica para conhecer e apropriar-se das novas tecnologias, buscando reconhecer os melhores usos de cada ferramenta, em cada situação. Tendo conhecimento sobre as novas tecnologias, esse educador poderá complementar o seu planejamento e deixar suas aulas ainda mais interessantes, ricas e instigantes e propor outras formas de lidar com o conhecimento.

O aluno nem sempre sabe como utilizar a tecnologia para seu estudo e organização pessoal e precisa aprender e ser orientado sobre a melhor forma de fazer a utilização dos dispositivos tecnológicos à serviço de sua aprendizagem.

O trabalho com a tecnologia pressupõe uma mudança qualitativa na prática pedagógica de alunos e professores. Nesta nova perspectiva, é importante pensar na coautoria, criando uma nova dinâmica de interação em sala de aula. Compartilhamento e parceria são as palavras do momento. É necessário compreender que alunos não aprendem somente com o professor, mas com os colegas e com qualquer outra pessoa, vídeo, texto, site que tenha algo a lhes ensinar e, por isso, as escolhas dos materiais pesquisados e acessados são muito importantes para a realização de um trabalho significativo. Nesta perspectiva, o professor assume o papel de mediador e orientador e continua sendo insubstituível, pois é ele quem propõe os debates, ajuda a filtrar e aprofundar as informações, provocando os alunos a pensarem na relevância de cada informação. Essa mudança de atitude nem sempre é fácil para escolas, alunos e professores.

É inquestionável a importância da preparação criteriosa de cada aula e quando se utiliza as ferramentas tecnológicas não pode ser diferente. O professor que não planeja sua aula, conseqüentemente não atingirá os objetivos definidos e necessários, prejudicando a aprendizagem do aluno. O planejamento é fundamental. Portanto, é importante escolher, criteriosamente, os aplicativos e sites a serem utilizados, tornando as aulas atrativas, interativas e de fácil compreensão. Alguns cuidados fazem parte de um bom planejamento. É preciso testar o aplicativo antes de usá-lo em sala, procurando descobrir: é adequado ao objetivo do trabalho; funciona como o professor imaginava; trabalha o conteúdo de maneira interessante e significativa; é necessária a conexão com a internet para que funcione; precisa ser utilizado somente pelos alunos ou precisa de projeção; fará os alunos refletirem sobre os conteúdos aprendidos; apresenta versão em português; entre outras. Dependendo do componente curricular (disciplina) com o qual o professor trabalha, ele poderá fazer diferentes escolhas de aplicativos. Os aplicativos podem ser pesquisados via App Store (acessada via iPad - iOS) ou na Google Play (acessada via tablet - Android).

Os dispositivos móveis, principalmente tablets e smartphones, podem ser grandes aliados no trabalho cotidiano de professores e alunos. Não somente para uso escolar e para estudo, mas também para agilizar tarefas do dia a dia e ajudar na organização pessoal. Com os tablets, por exemplo, podemos realizar atividades que seriam realizadas em um computador, mas com mais interatividade, possibilidades de armazenamento e compartilhamento. Com a mobilidade que o tablet oferece, é possível realizar atividades em vários ambientes da escola, dentro e fora de sala de aula. Além do trabalho que pode ser realizado, tendo seu próprio tablet, ou um disponibilizado pela escola, para uso individual ou coletivo, professores e alunos podem projetar conteúdo, criar apresentações, pesquisar páginas da internet, ler reportagens de jornal, dispor de imagens, escrever textos em diferentes formatos; criar histórias em quadrinhos, criar fotos e vídeos; fazer gravações; ler livros interativos e digitais, criar conteúdos para blogs, compartilhar ideias; tudo isso com mais agilidade e mobilidade.

O desafio está posto e cabe a cada um assumi-lo para garantir uma parceria e uma aprendizagem mais significativa para todos os envolvidos!



por José Alessandro

Sócio-diretor da Zele Comunicação, Comunicação e Marketing Educacional. Desenvolvimento de treinamentos na área de atendimento e comunicação em instituições de ensino.

A ESCOLA NA MÃO DOS ALUNOS. LITERALMENTE!

CASE

Ao receber uma mensagem no facebook perguntando-me se poderia escrever uma matéria sobre o advento dos aplicativos para smartphones em escolas, de imediato, a memória remeteu-me para meados de 1998. No ano em que estávamos à porta do novo milênio, escrevi uma matéria para um jornal de Porto Alegre sobre o advento dos websites em escolas. Na época, ao perceber a proliferação e o sucesso das iniciativas das empresas que bem usavam a nova tecnologia em suas estratégias de comunicação, marketing e relações públicas, levei para o dia a dia escolar tal funcionalidade e o resultado não foi diferente: sucesso! Tínhamos o website de escola mais visitado do estado. Hoje, vejo a história repetir-se. As empresas criam e lançam seus aplicativos e gozam do sucesso de uma comunicação mais próxima e efetiva com seus públicos. Então? Vamos falar de APP para escolas?

Aplicativos, ou APPs, são programas, como ferramentas, que possibilitam dar funções especiais para telefones e tablets. Hoje em dia, fazer e receber chamadas telefônicas é o que seu telefone menos faz. Ele é esperto! Por isso, chama-se smartphone. Smart, na língua inglesa, é adjetivo de quem tem esperteza. Na verdade, temos nas mãos computadores portáteis. Não contem isso à minha mãe pois ela tinha medo de computadores mas dos smartphones não teve e usa o seu com muito empenho.

Agora que você já sabe o que é um aplicativo, vamos falar de aplicativos de escolas. O que vemos hoje, em 2014, são aplicativos pouco funcionais que servem ou para alunos acessarem boletins ou para escolas apresentarem-se institucionalmente. Ora, se temos a possibilidade de estarmos literalmente na palma das mãos de alunos, pais, visitantes, familiares, professores e funcionários vamos fazer o trivial e ignorar as possibilidades de interação, de participação e de compartilhamento de experiências? Eu respondo não.

Em meados de 2013, a oferta de APPs e suas aplicabilidades aumentavam dia a dia. Eles "transformavam" smartphones em lojas, bancos, tradutores, revistas, jogos, álbuns, redes sociais, câmeras de 360 graus, bibliotecas, livrarias, simuladores diversos e tantas outras aplicabilidades. De posse dessa realidade iminente, algumas escolas deram seus primeiros passos no mundo dos aplicativos.

Segundo Bryan Foster, autor do livro "Manual de marketing escolar para a era digital" (2011, Great Developments) o website de uma escola é muitas vezes um dos primeiros lugares onde famílias, estudantes ou parceiros em potencial obtêm uma primeira impressão e fazem uma avaliação básica da potencialidade de se envolverem com a escola. Partindo do pressuposto de Foster, autor de diversos livros de marketing para escolas e igrejas católicas, podemos, atualizando os dados, dizer que os aplicativos vem cumprir esta mesma função porém, de forma mais intensa e próxima dos públicos. Isto é, cumprirá a mesma função mas, literalmente na palma da mão dos usuários.

Uma das mais importantes características do uso de internet como ferramenta de comunicação escolar é reconhecê-la enquanto via de mão dupla entre a instituição e seus públicos. "Lembre-se que comunicação é uma estrada de mão dupla que requer que você receba tão bem quanto envie mensagens para seus públicos. Com a internet é mais fácil ainda deixar seus públicos darem suas opiniões através de e-mail, pesquisas, enquetes e outras ferramentas eletrônicas",

explica Johanna Lockhart em seu livro "Como fazer o marketing de sua escola" (2011, R&L Publishers). Evidente que um aplicativo potencializa essas experiências de intercomunicação relatadas pela autora.

Muito antes de pensarmos websites e aplicativos, é necessário encarar a comunicação e o marketing como funções vitais e estratégicas em instituições de ensino. É o pressuposto inicial. Sem ele, as iniciativas estão fadadas a simples aplicações de modismos. As instituições que se apropriam profissionalmente das novas tecnologias de informação em suas estratégias de comunicação têm nelas fortes aliadas na construção de sua imagem e na manutenção do bom relacionamento com seus públicos.

Usarei como exemplo o aplicativo que criei para uma escola carioca. Tendo como base os pressupostos técnicos e teóricos usados na criação de websites e as experiências encontradas em minha pesquisa científica que trata do uso da Internet enquanto multi-instrumento de Relações Públicas em instituições de ensino.

Uma escola do Rio de Janeiro, o Instituto Nossa Senhora da Piedade - INSP, com cerca de 1.400 estudantes, privada e confessional católica, vive o sucesso da experiência bem aplicada de um aplicativo para smartphones. Quando a possibilidade de criação de um aplicativo foi apresentada à direção, a forma como foi assumida a missão foi fundamental para o sucesso do aplicativo. "Temos que fazer algo diferente do que já é feito. Criem algo que os estudantes gostem e que seja útil às famílias", solicitou a diretora Irmã Teresa Cristina Leite em novembro de 2013. Após reuniões de planejamento e pesquisa com alunos, pais e professores, além da pesquisa do que já havia no mercado, um aplicativo exclusivo foi desenhado e planejado pela Zele Comunicação. Em dezembro, os testes começaram com estudantes e o lançamento, dia 11 de abril de 2014, reuniu professores e alunos representantes de turma para assistirem a uma apresentação sobre o aplicativo. Era o lançamento oficial. Um mês após o lançamento do aplicativo na AppStore e na PlayStore, comemorou-se o sucesso de 1,3 mil downloads.

Outra necessidade iminente a quem desenvolve novas tecnologias é criar design de fácil identificação e conectado ao que os usuários conhecem e usam atualmente. A solução criativa para nomes e funções no aplicativo da escola carioca aproximou ainda mais os usuários além de gerar uma curiosidade baseada em algo que já conhecem, utilizam e gostam. Um aplicativo bem planejado estreita ainda mais a comunicação e as relações da instituição com seus alunos, pais, professores e familiares. Exemplo prático desta teoria são os elogios de vários pais que estiveram presentes em uma palestra na escola pois foram avisados através de mensagem enviada para os smartphones que tinham o aplicativo instalado. "Estávamos esquecendo da reunião mas a mensagem recebida no telefone pelo aplicativo ajudou a lembrar", explicou um dos pais na saída do evento.

No Brasil, pesquisas indicam que estão em uso atualmente mais de 260 milhões de celulares, além do crescimento nas vendas de tablets. A mobilidade veio para ficar e já faz parte do dia a dia de milhões de pessoas. Entre elas, é claro, alunos e familiares. O acesso facilitado à informação torna-se de suma importância.

Segundo o profissional que contratamos para programar a parte técnica do aplicativo, Guilherme Pedrosa, a tecnologia transforma a vida de seus usuários quando utilizada de forma racional e para o bem de todos. O aplicativo pretende exatamente isto: transformar as relações entre a escola, pais, alunos e professores, além de estar disponível para que outros conheçam a instituição de forma simples, e queiram fazer parte desta família – explica Guilherme. "De certa forma, este pequeno aplicativo no seu celular, é uma célula da família escolar, é algo que nos une, como uma identidade", complementa.

Utilidades do aplicativo criado:

- INSPtube: acesso aos vídeos da instituição;
- INSPgram: local onde usuários compartilham fotos;
- WhatsINSP: espaço para recados e bate-papo;
- Notícias: o que acontece no colégio;
- Mapa: como chegar;
- Circulares: principais comunicados da escola aos pais e alunos;
- Horário Escolar: tabela com todos os horários escolares;
- Calendário Escolar: agenda de eventos, provas etc.;
- Secretaria: acesso facilitado ao sistema de secretaria online;
- Cardápio: informação semanal do cardápio do Turno Integral;
- E-mail: acesso ágil e facilitado ao e-mail da instituição;
- Facebook e Twitter: acesso às redes sociais direto na tela do aplicativo;
- Mensagem das Irmãs: textos e reflexões compartilhadas pelas Irmãs da congregação.

Para Vânia Rodrigues, Coordenadora da Educação Infantil, o aplicativo representa a união de dedicação, criatividade e atualidade. "É com muito orgulho que compartilhamos com a comunidade e escolar mais um projeto que aproxima e inova a comunicação entre a escola e a família. Parabenizo a equipe da Zele Comunicação por mais uma vitória" diz Vânia, "Talento na medida certa!" – finaliza.



"Nosso colégio está na vanguarda, conectando-se cada vez mais e melhor com seus alunos, professores, funcionários, responsáveis, comunidade, país e mundo!", empolga-se a Orientadora Educacional Regina Soares.

Segundo Moises Fonseca da Silva, Assistente de Comunicação de outro colégio que está prestes a implementar seu próprio aplicativo, outra força motivadora para assumir o projeto é diminuir a redução da quantidade de folhas impressas para circulares e outras informações ajudando nosso planeta a se tornar um pouco mais sustentável. A diretora da instituição, vendo o crescente uso de smartphones por alunos e pais, enxergou a possibilidade de se ter mais um canal de informação do colégio na 'palma da mão', explica Moises.

Outro aspecto interessante, ainda pouco usado em aplicativos de instituições de ensino, é a coleta de dados para gerar informação para compartilhar entre usuários. Por exemplo, hotéis verificam sua reputação em aplicativos que coletam opiniões e avaliações de usuários. "É interessante como smartphones e tablets são usados para coletar dados que aprimorem seus aplicativos", relata David Meerman Scott no bestseller "As novas regras do marketing e das relações públicas", (2013, John Wiley & Sons). "Pelo simples fato de que mais e mais pessoas estão ativas em seus smartphones, estou convencido de que os profissionais de relações públicas e os departamentos de comunicação das instituições precisam criar aplicativos como estes para alcançarem seus públicos. O que estamos vendo é a evolução natural dos websites", relata David.

Em abril deste ano, visitamos pela segunda vez, a primeira foi em janeiro de 2013, a Vice-presidente da NASPR – National Association of School Public Relations, Associação Nacional de Relações Públicas de Escolas dos Estados Unidos, Sra. Victoria Presser. Na ocasião, as experiências da Zele Comunicação e da Associação foram pautadas para a implementação da criatividade e experiência de ambas organizações. As revistas implementadas como instrumento de comunicação nos Colégios foram elogiadas por Victoria pois, segundo ela, é uma maneira concreta de mostrar o que estaria apenas teoricamente expressa em um prospecto além de ser lida por mais de uma pessoa efetivamente. O lançamento do aplicativo para smartphones criado pela Zele foi também ressaltado e elogiado pela vice-presidente. "Isto é incrível! Os alunos e pais devem estar amando esta nova possibilidade de contato com a instituição", observou Victória, que presenteou a Zele Comunicação com livros e relatos de estudos e experiências exclusivos da Associação. Ao conversarmos sobre a insegurança em possibilitar que usuários postassem suas fotos e mensagens sem a mediação de alguém, Victória relatou sua experiência. "Vivo isto diariamente com as redes sociais das escolas e oriento que permitam que os usuários postem o que desejam e mostrem-se presentes, discutindo e mediando na medida do possível. É preferível que os usuários sintam-se à vontade para postarem seus comentários, até mesmo suas insatisfações, e percebam que estamos presentes para ouvir, do que deixar um canal 'semi-aberto' com mediação. Esperar para que alguém autorize sua foto ser postada inibiria muito a participação", relatou Victória Presser sobre sua experiência com a comunicação nas escolas dos Estados Unidos. A visita aconteceu na Scarsdale High School, na cidade de Scarsdale, norte do Estado de Nova York.

Daqui alguns anos, leremos este artigo com nostalgia ao constatararmos que as instituições de ensino possuem seus próprios aplicativos com suas peculiaridades e funcionalidades criando, dentro dos smartphones de alunos, pais e professores, interação e comunicação. A personalidade da escola estará viva em um aplicativo. A escola, na palma da mão dos alunos, literalmente.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA:

WITMER, Diane. Spinning the web: a handbook for public relations on the internet. New YorkNY: Longman, 2000.

LOCKHART, Johana M. How to Market Your School: A Guide to Marketing, Communication, and Public Relations for School Administrators. New York-NYUSA: Paperback, 2011.

FOSTER, Bryan. School Marketing Digital for the Digital Age. BenovaQueenslandAustrália: Great Developments, 2011.

SCOTT, David Merrman. The New Rules of Marketing & PR: How to Use Social Media, Online Video, Mobile Applications, Blogs, News Releases, and Viral Marketing to Reach Buyers. New JerseyNYUSA: John Wiley & Sons, 2013.



RECURSOS TECNOLÓGICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

por Dulcinéia F. Hard / Coord. Ed. Infantil / Maria Auxiliadora

Desde pequenas nossas crianças estão em contato com a tecnologia, por isso é importante que a escola acompanhe as tendências deste mundo globalizado que exige cada vez mais o domínio e o acesso a esses recursos, tendo um olhar psicopedagógico buscando compreender como utilizam os elementos do seu sistema cognitivo e emocional para aprender com as tecnologias, sem medo de tentar ou mesmo de errar.

Desta forma, a escola passa a ser um local de produção de conhecimento e, portanto, de cultura; em que o professor potencializa os saberes das crianças e garante a elas uma visão crítica de mundo, o que implica em práticas mais criativas, participativas, lúdicas, alegres, diversificadas e prazerosas.

Para FLEISCHMANN (2001, p.5), "as crianças fazem parte dessa sociedade informatizada. Sendo assim, elas precisam não só compreender a escrita (...) como também construir hipertexto, criar e recriar símbolos". Nesta perspectiva, além de entender a importância da escrita, é necessário que as crianças estejam incluídas no mundo digital para que possam manipular e desenvolver atividades no computador e outros recursos.

Com certeza os softwares e muitos outros oferecem condições para:

- Contribuir para o avanço das crianças na construção de conceitos como: ordenação, seriação, classificação, quantificação, conservação, espaço-tempo, leitura e escrita...
- Aguçar percepções.
- Desenvolver a curiosidade, a atenção, a concentração e a memória.
- Aprender construindo habilidade através do entretenimento.
- Tratar do erro de forma construtiva.

Porém, é fundamental que a Educação Infantil não perca a sua essência, tornando a escola um lugar vivo, atraente, que envolva efetivamente as crianças com a busca do conhecimento de forma concreta e não apenas virtual. É preciso dosar o tempo em que as crianças ficam expostas a estes recursos.

É um desafio, mas se o professor reavaliar as metodologias, utilizando as tecnologias existentes na escola de forma coerente, com certeza saberá medir e utilizar os recursos sem ficar refém dos mesmos, dando ênfase na Educação infantil as brincadeiras com água e terra, tinta, pincel e muito mais! Permitindo assim, que as crianças sejam capazes de ousar, errar, acertar, começar novamente, voltar atrás, ir adiante, dar voltas... e acima de tudo SEREM FELIZES, vivendo as melhores etapas de uma verdadeira infância.

Por isso, concordo com REDIN ao afirmar que:

A escola para as crianças poderá, assim, se tornar "um lugar de ser, de sentir, um lugar de conhecer, um lugar de descobrir, um lugar de se encantar (...) um lugar de nada e um tempo de tudo (...) um pequeno grande mundo, onde dimensões múltiplas se mesclam" (Redin, 2002, p. 136-137).

Nesta perspectiva, não devemos esperar que os recursos tecnológicos sejam uma solução mágica para a educação, mas certamente, eles poderão ser usados pelos educadores como um importante instrumento pedagógico, oportunizando as crianças que ampliem o conhecimento, a criatividade, pois afinal criatividade não se ensina, se constrói e na Educação Infantil as experiências educativas precisam ser significativas e para toda vida!.



em aula

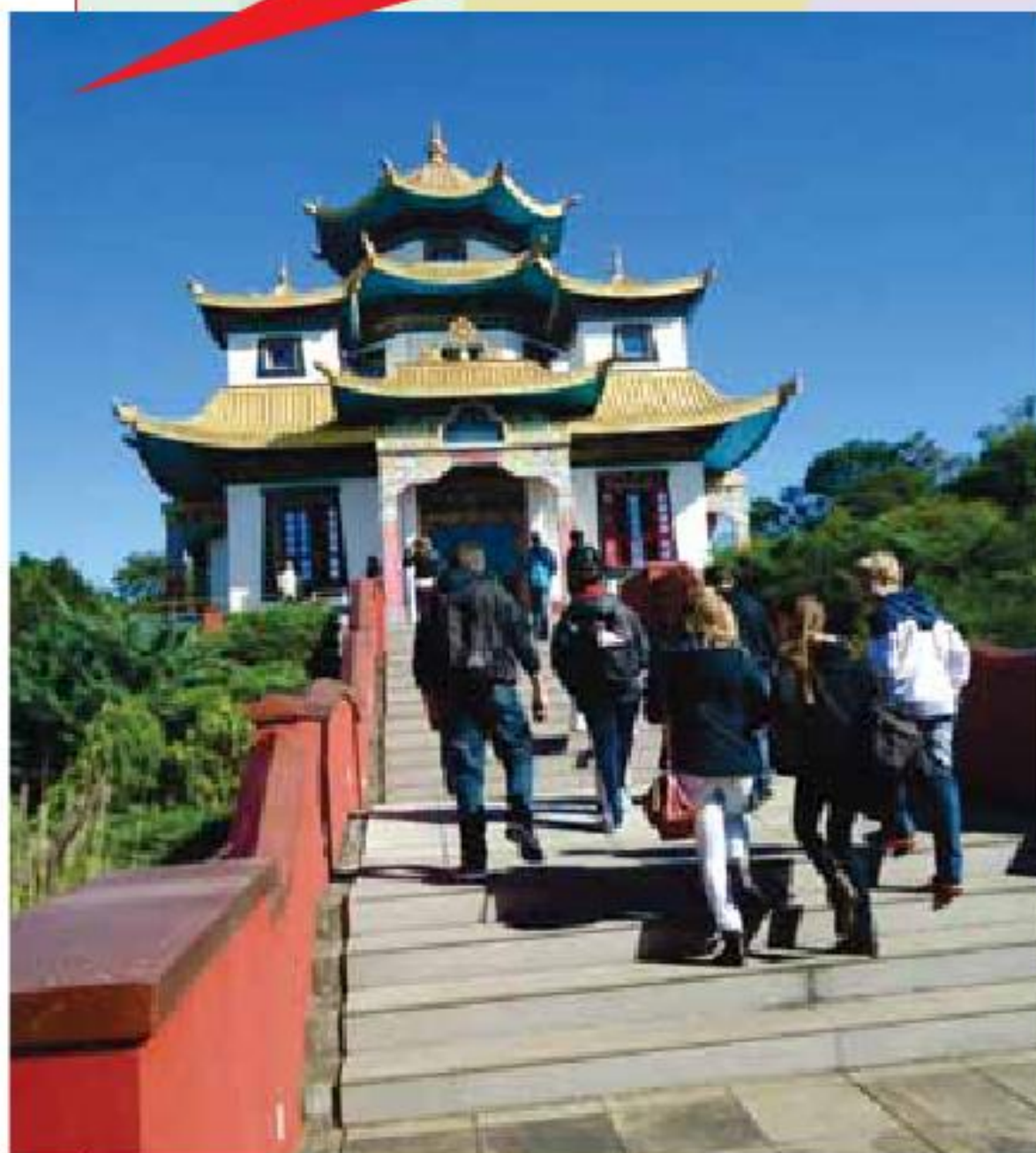
NOTRE DAME

Os alunos das 8ª séries da Escola Sagrada Família acompanhados da Irmã Aurora Dolores Kassick, professora de Ensino Religioso, após um intenso estudo detalhando o Budismo Tibetano, visitaram o Centro Budista Khadro Ling, localizado na cidade de Três Coroas, nos dias 26/04/14 e 10/05/14.

O Khadro Ling é a sede do Chagdud Gonpa Brasil, uma organização sem fins lucrativos destinada ao estudo e prática do Budismo Tibetano. Uma comunidade de praticantes budistas mora no local e em suas terras fica o primeiro templo tibetano tradicional da América Latina.

Nessa visita, a atividade teve como meta “Conhecer para respeitar”. Assim sendo, os alunos em dois momentos distintos, orientados no Templo por um Lama e um Monge, aprofundaram as informações recebidas em aula. As stupas, as Bandeiras de Amitayus, os monumentos de Tulku Rinponche e Akchobia, as Casas das Lamparinas, as Casas das Rodas de Oração, o Palácio Terra Pura que formam o conjunto do Centro de Espiritualidade impressionaram todos os alunos, que puderam comprovar na prática, o conhecimento construído em aula.

Aprender vivenciando!



Escola Sagrada Família - Rolante - RS



Alunos reúnem-se em ato solidário

Do dia 13 ao dia 20 de maio realizou-se a Semana da Solidariedade na Escola Maria Rainha, com o objetivo de mobilizar a Comunidade Escolar para a realização de ações solidárias através de doações de alimentos não perecíveis, fraldas, agasalhos, brinquedos, calçados, produtos de higiene e limpeza. Os itens arrecadados foram organizados e direcionados, através do Ato Solidário, à Creche Carlos Marros e doação de parte dos agasalhos no Dia do Desafio.

Foram destaques, recebendo o título de Turmas Solidárias/2014, a turma 141 do turno da tarde e a turma 171 do turno da manhã.

A solidariedade está sempre presente nos valores e princípios Notre Dame.

Escola Maria Rainha - Júlio de Castilhos - RS

A aula Hapkido foi realizada no período de Educação Física, com as turmas do ensino médio (221 e 231), e fazem parte do Projeto de Vivências, que visa oferecer aos alunos, através da presença de profissionais, com experiências em assuntos e práticas relacionadas a saúde, esporte, lazer.

Os alunos assistiram uma aula acompanhados pelo professor titular da disciplina Marcos Ismael Rangel e do professor Ed. Física, Mario Sérgio Pertuzatti, que orientou sobre as artes marciais, em especial o Hapkido. Durante a aula foi muito enfatizado conceitos como: Respeito pela vida; Respeito pela sociedade; Respeito por si próprio; Honrar compromissos; Amparar aos outros; Bondade; Tolerância; Paciência; Lealdade; Coragem; Integridade; Perseverança; Honestidade; Modéstia; Compaixão e o Uso apropriado da força.

O nome Hapkido foi formado para simbolizar a ideia de "tornar-se um com o Universo", ou "harmonizar mente, corpo e espírito com a natureza". De uma forma mais literal, pode-se também interpretar como "o caminho do poder harmonioso" ou "o método de harmonizar a energia".

Vivência em defesa pessoal



Colégio Santa Teresinha - Taquara - RS

"Um país se faz com homens e livros" (Monteiro Lobato)

Em comemoração ao dia Mundial do Livro - 18 de abril, a Biblioteca Santa Júlia Billiard realizou diversas atividades em homenagem a Monteiro Lobato. Os alunos de Educação Infantil à 5ª série foram recepcionados pela bibliotecária Jaqueline Carvalho caracterizada de Emília, personagem do Sítio do Pica-Pau Amarelo.

Foi projetada a história de cada personagem e logo após, realizado um teatro de máscaras com a participação dos alunos.

De uma forma lúdica e descontraída os alunos puderam aprender um pouco mais a história de Monteiro Lobato.

Emília ensina sobre Monteiro Lobato



Escola Nossa Sra. Estrela do Mar - São Lourenço do Sul - RS

GINCEMA FAZ ARRECADAÇÃO EXPRESSIVA



Colégio Maria Auxiliadora - Canoas - RS

Ser mãe... é a missão de maior responsabilidade. É amar de forma mais completa. É dar o melhor de si e não esperar nada em troca... A ela devemos nossa vida, pois é merecedora de todo nosso respeito e digna de todo nosso afeto. Mãe é sinônimo de amor e bondade. Dia das Mães são todos os dias... Pensando nisso a 2ª e a 3ª séries do Colégio Madre Júlia orientadas pelas professoras Clarice Marques Corrêa e Cátia Cilene Ferreira La Rocca, quiseram presentear às mães lembrando sempre da sustentabilidade, pois ao adotar a sacola retornável (Ecobag) em suas compras cotidianas, elas estarão ajudando a prevenir os impactos negativos do acúmulo de plástico no meio ambiente.

As crianças dedicaram-se com empenho na confecção dos presentes, depositando carinho e deixando a sua marca registrada através das mãos.

Agradecemos às avós da terceira série que dedicaram seu tempo para homenagear suas filhas, que hoje são mães, através de lindos textos que trouxeram ainda mais emoção a este dia tão especial.

Colégio Madre Júlia - São Sepé - RS

Durante a Semana Auxiliadora, nas atividades da XXIII GINCEMA as cinco equipes participantes foram convidadas a arrecadar alimentos e materiais de higiene e limpeza para doação às instituições onde realizaram trabalho voluntário: Instituto Pestalozzi, ASSABENI, SOS Casa da Acolhida, Chimarrão da Amizade e Comunidade São Paulo.

Dentre outros significados, podemos entender a palavra Solidariedade como um ato de bondade para com o próximo ou um sentimento, uma união de simpatias, interesses ou propósitos entre os membros de um grupo.

O Colégio Maria Auxiliadora, acredita que através da educação pode-se transformar a sociedade. Dessa forma, as pessoas ganham a possibilidade de mudar o mundo, o que nos torna comprometidos com a formação humana.

As equipes arrecadaram 11.125kg de alimentos. Também destacamos o empenho com itens de higiene e limpeza, dentre eles 5 mil unidades de papel higiênico e 2,2 mil unidades de fraldas descartáveis.

As doações foram expressivas e cuidadosamente divididas. Muito importantes para as comunidades que as recebem.

Sacolas ecológicas para as mães



Rádio na Escola

O projeto 'Rádio na Escola', coordenado pelas professoras Elhonara Diniz Ribeiro e Aline Brutti Aitatem, tem o objetivo de desenvolver habilidades nos alunos como: falar em público, entonação, desenvoltura e desinibição da voz, manuseio de programas de rádio, a leitura e a escrita. Proporcionando a vivência do uso das tecnologias no ensino e aprendizagem.

É uma atividade interdisciplinar desenvolvida gradualmente com os alunos, desde a produção até a edição final.

Os programas dividiram-se em esportes, com entrevista; piadas (uma verdadeira comédia); variedades, com entrevistas sobre a programação da televisão brasileira; curiosidades sobre o que acontece na escola, desta vez o tema escolhido pelos alunos foi a aula de violão, ministrada pela Ir. Síntea e por fim o programa de músicas, onde estas são oferecidas a alguém.

Consequentemente, os alunos apresentam o programa de rádio para a comunidade escolar. Organizam e realizam os programas ao vivo na hora do recreio, promovendo o estímulo à pesquisa, ao senso de responsabilidade e à cidadania, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e reflexivos. Os programas no rádio devem permanecer para o ano seguinte.



Escola Santa Catarina - Santa Maria - RS

Parceria na Educação Nutricional

A Universidade Federal de Pelotas em parceria com a Escola Sagrado Coração de Jesus desenvolve um projeto intitulado "Oficinas de nutrição e culinária no ambiente escolar" – Educação Nutricional.

O projeto possibilita promover hábitos alimentares saudáveis através da prática de preparações culinárias e justifica-se por a escola ser um espaço privilegiado para a promoção da saúde e desempenhar papel fundamental na formação de valores, hábitos e estilos de vida.

O trabalho é realizado com a turma de Educação Infantil Nível III, Profª. Maria Helena de Souza Barbosa, em função de que as crianças a partir da idade pré-escolar iniciam sua autonomia crescente para decidir o que desejam comer.



Escola Sagrado Coração de Jesus - Pedro Osório - RS

JUND - JUVENTUDE NOTRE DAME

por Irmã Lenimar Pereira da Silva e
Irmã Shirle Denise da Silva

O mundo está mais jovem. O número de pessoas entre 14 e 24 anos nunca foi tão grande no mundo, segundo relatório da Organização das Nações Unidas. São mais de 1 bilhão espalhados pelos cinco continentes. O número total de jovens entre 15 e 29 anos no Brasil supera os 50 milhões, um quarto da população brasileira conforme pesquisa divulgada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em 2013. Percebemos, ao olhar para esta expressiva parcela da sociedade, a importância de projetos que correspondam aos seus anseios e possam contribuir positivamente tanto no presente como no futuro destas novas gerações.

Ao reconhecer a juventude como lugar teológico, a Igreja do Brasil reforça a opção preferencial pelos jovens, realizada na Conferência de Puebla, em 1979. De fato, os bispos do Brasil desejaram que os jovens, como os pobres, fossem assumidos prioritariamente nas ações evangelizadoras eclesiais. Esta opção precisa ser não apenas "afetiva", mas "efetiva". O episcopado brasileiro, preocupado com a juventude, tem implementado enormes esforços no intuito de reacender na Igreja o encantamento e a paixão pela evangelização juvenil.

Esses esforços culminaram na realização da Jornada Mundial da Juventude, em 2013. A JMJ proporcionou um novo reacender da paixão pela juventude em todas as nossas estruturas eclesiais. A realização da Campanha da Fraternidade, no mesmo ano de 2013, ofereceu momentos de reflexão acerca da presença da Igreja no meio dos jovens o que impulsionou o engajamento de agentes de pastoral e congregações religiosas nesta causa.

É com o objetivo de, mais uma vez atender ao apelo eclesial e dar continuidade ao trabalho de evangelização no meio dos jovens que se planejou o Projeto JUND – Juventude Notre Dame.

Nós, Irmãs de Nossa Senhora, da Província Nossa Senhora Aparecida, como Pastoral Juvenil e Pastoral Vocacional, vemos a juventude como um lugar teológico onde Deus habita. Também nós acreditamos no potencial juvenil e investimos na missão evangelizadora da juventude. É no caminho do protagonismo do jovem que o JUND acredita.

Nutrimos o dinamismo da evangelização da juventude porque "Recebemos o espírito apostólico como herança de Santa Júlia Billiard, de Irmã Maria Aloysia e de Irmã Maria Ignatia, mediante a tradição viva da nossa Congregação. Como elas, somos enviadas a ser testemunhas de Jesus Cristo que revelou a bondade do Pai." (Const. Art. 65)

Investimos na formação da juventude em observância a um apelo insistente de nossa mãe espiritual, Santa Júlia Billiard que dizia: "As Irmãs devem dedicar-se incansavelmente à instrução dos jovens para conduzi-los à salvação". Santa Júlia, desde sua infância, revelou o dom especial de conduzir as pessoas para Cristo. De Júlia é a frase: "Façamos tudo o que pudermos para tornar o bom Deus conhecido e amado por todos os que nos cercam" (Carta 162).

Através do projeto JUND nos dispomos a interferir positivamente na realidade das novas gerações, investindo em sua formação com o objetivo de conduzi-las no conhecimento e experiência de Deus como



Maria Auxiliadora - Canoas - RS



Maria Rainha - Júlio de Castilhos - RS



Sagrada Família - Rolante - RS



Escola Santa Catarina - RS



Sagrado Coração de Jesus - Pedro Osório - RS



Colégio Madre Júlia - São Sepé - RS

bom para que estes possam contribuir na construção da civilização do amor.

Ao reconhecer como espaço privilegiado de educação e de ação evangelizadora da juventude os diferentes locais e frentes de atuação das Irmãs de Nossa Senhora, em especial, as Escolas da Rede Notre Dame, o projeto JUND visa oferecer uma metodologia e uma pedagogia adequadas a fim de garantir uma unidade de trabalho facilitando o protagonismo juvenil, buscando envolver adolescentes e jovens a partir da sétima série em suas atividades.

Este projeto vem ao encontro da preocupação que temos com a evangelização do jovem expressa especialmente nos aspectos da visão da educação ND, que são: "Educar crianças, adolescentes e jovens segundo os valores do Evangelho; Criar condições favoráveis à aprendizagem e à maturação da fé; Preparar pessoas comprometidas com a transformação social; Entregar à sociedade pessoas éticas, solidárias, responsáveis, criativas e inovadoras e dar espaço e amor preferencial aos pobres".

Por meio de uma proposta atraente e dinâmica iniciamos em março de 2014 a divulgação do projeto com um momento de chamamento nos diferentes espaços de evangelização das irmãs e em especial nas escolas da Rede Notre Dame.

O convite foi lançado e acolhido com muito entusiasmo pelos jovens e hoje já se percebe os pequenos passos que a Juventude Notre Dame vem dando. Não é indiferente a alegria estampada no rosto dos adolescentes e jovens que responderam ao chamado e que, dando continuidade, perseveram nos encontros. Em outubro de 2014 é proposto reunir todos esses jovens em um bonito e significativo encontro para juntos vivenciar uma linda experiência de oração, reflexão, partilha e diversão.

É desejo de todos os envolvidos no projeto que o jovem Notre Dame faça uma bonita experiência da bondade de Deus e seja protagonista de sua própria história e da história da humanidade.



Riqueza - SC



Santa Teresinha - Taquara - RS



N. Sra. Estrela do Mar - São Lourenço do Sul - RS



Palmas - TO



Paraíso - TO



Pinhal Grande - SC



Campos Novos - SC



NOTRE DAME
Residência Santa Júlia

Residência de longa permanência para idosas.

**Compromisso com a vida
na excelência do cuidado.**



Área interna de uso comum
Apartamentos individuais e coletivos
Ambientes climatizados
Acesso Wi-Fi / internet/ Skype
Elevadores em todos os andares
Quiosque com churrasqueira
Sala de Atividades Multidisciplinares/Solário
Telefone no quarto



Atendimento de enfermagem 24h
Atendimento semanal de médico geriatra
Alimentação programada por nutricionistas seis refeições
Cobertura para emergências médicas - SOS UNIMED
Fisioterapia Coletiva/Nutricionista/Avaliação Nutricional
Musicoterapia/Arte terapia
Serviço Social

Espaço para atendimento de serviços de estética
Hospedagem permanente ou temporária.

**Horário livre para visitas,
entrada e saída de residentes.**



Rua Governador Roberto Silveira, 04
Centro - Canoas - RS - F. 51 3075.0900